



Comércio na cidade do Rio de Janeiro: estrutura e conjuntura recente

N° 20081001
Outubro - 2008

Helcio de Medeiros Junior, Ana Carolina Aguilera Negrete - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Urbanismo
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos

EXPEDIENTE

A **Coleção Estudos Cariocas** é uma publicação virtual de estudos e pesquisas sobre o Município do Rio de Janeiro, abrigada no portal de informações do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos da Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro (IPP) : www.armazemdedados.rio.rj.gov.br.

Seu objetivo é divulgar a produção de técnicos da Prefeitura sobre temas relacionados à cidade do Rio de Janeiro e à sua população. Está também aberta a colaboradores externos, desde que seus textos sejam aprovados pelo Conselho Editorial.

Periodicidade:

A publicação não tem uma periodicidade determinada, pois depende da produção de textos por parte dos técnicos do IPP, de outros órgãos e de colaboradores.

Submissão dos artigos:

Os artigos são submetidos ao Conselho Editorial, formado por profissionais do Município do Rio de Janeiro, que analisará a pertinência de sua publicação.

Conselho Editorial:

Ana Paula Mendes de Miranda, Fabrício Leal de Oliveira, Fernando Cavallieri e Paula Serrano.

Coordenação Técnica:

Cristina Siqueira e Renato Fialho Jr.

Apoio:

Iamar Coutinho

CARIOCA – Da, ou pertencente ou relativo à cidade do Rio de Janeiro; do tupi, “casa do branco”. (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, versão 5.0)

COMÉRCIO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: ESTRUTURA E CONJUNTURA RECENTE¹

Helcio de Medeiros Junior², Ana Carolina Aguilera Negrete³ - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

1 INTRODUÇÃO

A atividade comercial na cidade do Rio de Janeiro compõe o setor de Serviços que, segundo as informações oriundas do IBGE para o ano de 2005, era responsável por 85,0% do Produto Interno Bruto municipal. A desagregação setorial proposta pelo IBGE não permite abstrair o peso do comércio nos Serviços, o que nos faz recorrer às informações derivadas do projeto do Produto Interno Bruto carioca implementado no final do século passado em parceria com o IBGE, que produziu dados trimestrais no período 1985-2002 com detalhamento por atividade, com base na metodologia antiga. Segundo aquele projeto, em 2002 a participação do comércio carioca foi estimada em 6,9% do PIB total, e 12,1% do setor de Serviços.

Fazendo uso da base de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), de cunho censitário⁴ e cuja informação mais recente foi produzida para o ano de 2006, a atividade de comércio era responsável por 16,6% do total dos postos de trabalho formais carioca e por 19,3% das vagas em Serviços, bem como por 32,1% do total de estabelecimentos e 35,2% dos de Serviços.

A utilização da RAIS, entretanto, restringe ao mercado formal de trabalho a participação dos empregados, pode embutir dupla contagem⁵ na inserção dos trabalhadores e não considera a posição na ocupação. Para que estes desvios não comprometam a percepção do peso da atividade na economia, a Pesquisa Nacional

¹ Os autores agradecem às contribuições de Luiz Andrés Paixão (IBGE/COSEC) e Nilo Lopes de Macedo (IBGE/COSEC), incorporadas nesta versão final, e assumem todo e qualquer deslize que porventura tenha nela permanecido.

² Economista, mestre em Economia Empresarial (UCAM) e doutor em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRRJ).

³ Economista e mestre em Economia (UERJ).

⁴ As informações oriundas da RAIS têm como referência a situação em 31/12 do ano respectivo.

⁵ As empresas prestam informações por posto de trabalho existente. Assim, se uma mesma pessoa ocupa um outro posto em outra empresa, haverá dois postos ocupados pelo mesmo indivíduo. Como exemplo, citamos o caso de um profissional de nível superior em uma empresa no período diurno e que leciona em instituição de ensino com jornada noturna. Este exemplo alcança os responsáveis por este trabalho.

por Amostra de Domicílios (PNAD) fornece para a cidade do Rio⁶ estimativas do número de empregados no trabalho principal por categoria, e setor de atividade no qual atua⁷. Também para o ano de 2006, observa-se que dentre os residentes cariocas a atividade de Comércio e reparação era a ocupação de 20,0%, dos quais 73,3% tinham a carteira de trabalho assinada e os demais se inseriam de outra forma⁸. Assim, para uma cidade marcadamente terciária e com renda elevada, o comércio de mercadorias tem peso relevante, que será melhor compreendido na medida em que os dados oriundos das pesquisas que apuram sua relevância, estrutural e conjuntural, demonstrarão nas sessões seguintes.

2 ESTRUTURA DO COMÉRCIO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Com o intuito de analisar como se estrutura o segmento empresarial comercial, este relatório fará uso das informações obtidas na Pesquisa Anual de Comércio (PAC), produzida para os anos de 2001 a 2005. Na PAC, as atividades comerciais são agrupadas em três categorias distintas, compreendidas na seção G da Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE 1.0, cuja descrição é:

- comércio de veículos automotores, peças e motocicletas: as empresas que o compõem atuam tanto no segmento varejista quanto no atacadista, podendo também ofertar serviços. Outra característica é quanto ao tipo de mercadoria vendida, que são bens duráveis de alto valor médio;
- comércio por atacado: as empresas são de maior porte e atuam como distribuidoras no processo produtivo;
- comércio varejista: possui um número elevado de estabelecimentos, em sua maioria de pequeno porte, sendo as vendas destinadas ao consumidor final.

⁶ A obtenção desta informação só foi possível tendo em vista o peso da cidade do Rio na amostra da PNAD da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e seu recebimento é decorrência do convênio firmado em 2006 com o IBGE que, além da PNAD, fornece estimativas para outras pesquisas estruturais e conjunturais por ele produzidas.

⁷ Por ser uma pesquisa domiciliar, as estimativas obtidas na PNAD referem-se aos “residentes” na cidade do Rio que podem estar trabalhando em outras cidades, diferindo, neste particular, da RAIS, cujas informações referem-se a postos de trabalho ocupados no município do Rio de Janeiro. Dada a centralidade da capital, consideramos mais provável que haja trabalhadores de outros municípios ocupando vagas disponibilizadas pelas empresas aqui sediadas. Estas e outras informações sobre a atividade comercial estão disponíveis na base de dados do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, em www.armazemdedados.rio.rj.gov.br, na sessão “Estatísticas municipais”.

⁸ Não há desagregação nesta categoria que permita observar a participação dos informais.

As Tabelas 1, 2 e 3, apresentam dados comparáveis para o estrato certo de 20 ou mais pessoas ocupadas em estabelecimentos comerciais⁹ do Brasil, do estado do Rio de Janeiro (ERJ) e do município do Rio de Janeiro (MRJ), para o conjunto da atividade no período de 2001 a 2005, segundo as variáveis número de empresas, número de estabelecimentos com receita de revenda, pessoal ocupado em 31/12, salários, retiradas e outras remunerações, receita líquida de revenda, margem de comercialização e compra de mercadorias para revenda¹⁰.

Tabela 1 - Número de empresas e estabelecimentos comerciais - Brasil, estado do Rio de Janeiro e município do Rio de Janeiro - 2001-2005

Ano	Número de empresas			Número de estabelecimentos		
	Brasil	ERJ	MRJ	Brasil	ERJ	MRJ
2001	26 328	2 941	1 511	65 280	7 198	4 705
2002	28 183	3 108	1 527	67 680	7 182	4 566
2003	30 201	3 282	1 610	67 785	7 442	4 683
2004	32 767	3 415	1 653	70 804	7 724	4 846
2005	35 647	3 841	1 886	77 379	8 343	5 198

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Tendo como referência o último ano para o qual a PAC foi produzida com recorte para a capital fluminense (2005), a cidade era responsável, em cada cem unidades, por 49 empresas fluminenses, 62 estabelecimentos e 59 pessoas ocupadas no comércio¹¹. Já quanto às variáveis monetárias, de cada cem reais pagos pelas unidades comerciais do ERJ em salários, retiradas e outras remunerações, 74 foram feitos a ocupados nas unidades cariocas e 89 reais de cada cem foram ganhos a título de receita líquida de

⁹ A Pesquisa Anual do Comércio (PAC) tem como unidade de investigação a empresa, “[...] definida como sendo a unidade jurídica caracterizada por uma firma ou razão social que engloba o conjunto de atividades econômicas exercidas por uma ou mais unidades locais”. Tendo em vista que as empresas têm múltiplas localizações, são demandadas informações de cada unidade local da empresa. Entende-se por unidade local “[...] o espaço físico, geralmente uma área contínua, no qual uma ou mais atividades econômicas são desenvolvidas, correspondendo, na maioria das vezes, a cada endereço de atuação da empresa”. Apesar de referenciar-se à unidade local, as informações são disponibilizadas por estabelecimentos na PAC. A conceituação de empresa e unidade local foi obtida em IBGE. **Pesquisa anual de comércio**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. (Relatórios Metodológicos, v. 12).

¹⁰ As informações prestadas ao Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos-IPP por parte do IBGE referem-se às empresas e estabelecimentos sediados na cidade do Rio de Janeiro. Para outros municípios, foi desenvolvido procedimento alternativo para gerar estimativas para as variáveis monetárias a partir de razões entre as variáveis levantadas pela PAC e RAIS. Ver o texto “Organização territorial dos Serviços no Brasil: polarização com frágil dispersão”, de Edson Domingues et al., disponível em www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/estruturadinamica/capitulo%206_inovacao.pdf.

¹¹ O estrato certo não inclui as microempresas (até 9 empregados) e desconsidera aproximadamente um quarto dos estabelecimentos considerados pequenos (de 10 a 49 empregados). Estimativas obtidas a partir da RAIS de 2006 informam que na cidade do Rio as microempresas absorvem 28,8% dos empregos e 80,0% dos estabelecimentos do comércio.

revenda. Estes números expressam o peso do comércio na capital em relação ao existente no estado do Rio de Janeiro.

Tabela 2 - Pessoal ocupado e salários, retiradas e outras remunerações das empresas comerciais - Brasil, estado do Rio de Janeiro e município do Rio de Janeiro - 2001-2005

Ano	Pessoal ocupado			Salários, retiradas e outras remunerações (1 000 R\$)		
	Brasil	ERJ	MRJ	Brasil	ERJ	MRJ
2001	1 882 902	232 231	138 077	15 905 600	2 195 551	1 603 600
2002	1 999 352	231 225	132 845	17 942 275	2 387 202	1 792 528
2003	2 109 285	234 524	136 235	20 735 210	2 721 835	2 061 842
2004	2 321 298	252 891	146 799	24 470 180	3 173 523	2 337 377
2005	2 541 332	276 986	162 206	28 816 962	3 623 933	2 664 073

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Tabela 3 - Receita líquida de revenda, margem de comercialização e compras de mercadorias para revenda das empresas comerciais - Brasil, estado do Rio de Janeiro e município do Rio de Janeiro - 2001-2005

Ano	Receita líquida de revenda (1 000 000 R\$)			Margem de comercialização (1 000 000 R\$)			Compras de mercadorias para revenda (1 000 000 R\$)		
	Brasil	ERJ	MRJ	Brasil	ERJ	MRJ	Brasil	ERJ	MRJ
2001	346 472	76 952	67 176	58 544	10 249	8 385	292 602	67 032	58 990
2002	393 893	85 238	75 126	70 102	12 197	10 155	330 490	73 983	65 773
2003	482 078	103 643	92 444	83 482	13 555	11 220	405 699	90 442	81 546
2004	576 090	116 792	103 699	101 699	16 164	13 269	487 259	102 305	91 718
2005	657 490	136 950	122 301	114 161	17 250	14 047	551 430	120 747	109 121

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Considerando, entretanto, a evolução das variáveis pesquisadas, as taxas de crescimento para cada um dos recortes geográficos no período entre 2001 e 2005 indicam, em termos absolutos, que o comércio carioca apresentou acréscimo inferior no número de empresas (24,8%, contra 30,6% no ERJ e 35,4% no Brasil), no número de estabelecimentos (10,5%, contra 15,9% no ERJ) e no pessoal ocupado (17,5%, contra 19,3% no ERJ e 35% no Brasil), o que aponta uma redução relativa das unidades comerciais. Por outro lado, ao observar os resultados no pagamento de salários (66,1%, contra 65,1% no ERJ e 81,2% no Brasil), na absorção de receita

líquida (82,1%, contra 78,0% no ERJ e 89,8% no Brasil), na margem de comercialização (67,5%, contra 68,3% no ERJ e 95,0% no Brasil) e nas compras de mercadorias (85,0%, contra 80,1% no ERJ e 88,5% no Brasil), no município do Rio a atividade demonstra relativa estabilidade ou comportamento ligeiramente superior em relação à unidade federativa na qual está inserida. Estes resultados podem indicar melhoria da produtividade das unidades comerciais sediadas na capital *vis-à-vis* as demais fluminenses.

Quanto aos diferenciais de crescimento, a participação relativa para cada um dos indicadores se alterou, com decréscimo naqueles em que o comportamento do comércio local foi inferior ao dos demais, ou acréscimo quando o movimento foi contrário (Tabelas 4 e 5), mas não excedem três pontos percentuais entre a cidade do Rio e o estado, e menos ainda em relação ao Brasil, o que denota estabilidade.

Tabela 4 - Participação percentual do comércio do município do Rio de Janeiro no estado do Rio de Janeiro - 2001-2005

Ano	Número de empresas (%)	Número de estabelecimentos (%)	Pessoal ocupado (%)	Salários, retiradas e outras remunerações (%)	Receita líquida de revenda (%)	Margem de comercialização (%)	Compras de mercadorias para revenda (%)
2001	51.4	65.4	59.5	73.0	87.3	81.8	88.0
2002	49.1	63.6	57.5	75.1	88.1	83.3	88.9
2003	49.1	62.9	58.1	75.8	89.2	82.8	90.2
2004	48.4	62.7	58.1	73.7	88.8	82.1	89.7
2005	49.1	62.3	58.6	73.5	89.3	81.4	90.4

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Tabela 5 - Participação percentual do comércio do município do Rio de Janeiro no Brasil - 2001-2005

Ano	Número de empresas (%)	Número de estabelecimentos (%)	Pessoal ocupado (%)	Salários, retiradas e outras remunerações (%)	Receita líquida de revenda (%)	Margem de comercialização (%)	Compras de mercadorias para revenda (%)
2001	5.7	7.2	7.3	10.1	19.4	14.3	20.2
2002	5.4	6.7	6.6	10.0	19.1	14.5	19.9
2003	5.3	6.9	6.5	9.9	19.2	13.4	20.1
2004	5.0	6.8	6.3	9.6	18.0	13.0	18.8
2005	5.3	6.7	6.4	9.2	18.6	12.3	19.8

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

2.1 Mudança estrutural do setor comercial carioca entre 2001 e 2005

O crescimento observado no setor comercial carioca não revela se houve mudança em sua estrutura quanto ao peso dos segmentos que o constituem, nem quais deles são mais relevantes em sua composição. Para avaliação do grau de transformação estrutural da composição setorial do comércio foi utilizado o Índice de Mudança Estrutural – IME¹² entre 2001 e 2005, para as variáveis de valor adicionado e pessoal ocupado. De acordo com os resultados obtidos para o total do valor adicionado (IME=1,0), não ocorreram mudanças significativas nas participações dos segmentos do comércio no total no município do Rio de Janeiro (Tabela 6), nem internamente em cada um dos segmentos, dado que, excetuando-se o varejo, os resultados se aproximam de zero e são inferiores ao observado para o total. O mesmo se pode dizer quanto ao pessoal ocupado, cujo resultado geral (IME=0,6) é idêntico apenas no segmento de veículos, peças e motocicletas, sendo inferior nos demais.

Tabela 6 - Participação dos segmentos no total do comércio e índice de mudança estrutural do valor adicionado e do pessoal ocupado, segundo segmentos do comércio no município do Rio de Janeiro - 2001/2005

Segmentos do Comércio	Valor adicionado			Pessoal ocupado		
	Participação dos segmentos no total do comércio (%)		Índice de Mudança Estrutural - IME (1)	Participação dos segmentos no total do comércio (%)		Índice de Mudança Estrutural - IME (2)
	2001	2005	2001-2005	2001	2005	2001-2005
Total	100.0	100.0	1.0	100.0	100.0	0.6
Veículos, peças e motocicletas	6.9	7.8	0.5	8.4	7.2	0.6
Atacado	60.1	61.3	0.6	20.9	21.5	0.3
Varejo	33.0	30.9	1.0	70.7	71.3	0.3

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

(1) Valor calculado pelo somatório da diferença, em módulo, das participações dos segmentos no valor adicionado em 2005 e 2001, dividido por dois; (2) Valor calculado pelo somatório da diferença, em módulo, das participações dos segmentos no pessoal ocupado em 2005 e 2001, dividido por dois.

¹² De acordo com a metodologia da United Nations Industrial Development Organization – UNIDO, elaborada em 1997, a mudança estrutural é captada, entre um período (t) e (t-n), por um índice M referente ao total do comércio,

como segue: $M_t = \frac{\left\{ \sum_i |m_i - m_{t-n}| \right\}}{2}$, onde i = cada atividade comercial considerada; m_i = participação do

valor adicionado da atividade i no total do valor adicionado do comércio; e (t) e (t-n) = períodos de tempo. O IME pode assumir valores entre zero e 100; o valor zero significa que não houve nenhuma mudança estrutural, enquanto 100 indica completa mudança da estrutura comercial.

Se, em termos estruturais, não houve mudança, considerados os segmentos há alterações na participação entre os anos citados. No valor adicionado¹³, o comércio de veículos, peças e motocicletas e o atacadista apresentaram aumento (o primeiro passou de 6,9% para 7,8% do total, e o segundo de 60,1% para 61,3%, nos anos de 2001 e 2005, respectivamente) em virtude do ajuste nos custos, da recuperação da renda e do crédito, em detrimento do segmento varejista que reduziu sua participação. Já para a variável pessoal ocupado, houve aumento na participação do maior empregador de mão-de-obra, o comércio varejista (de 70,7% para 71,3% entre 2001 e 2005), e no atacado (de 20,9% para 21,5%), enquanto no comércio de veículos, peças e motocicletas, invertendo o movimento observado no valor adicionado, reduziu-se de 8,4% para 7,2%, o que indica que o aumento na participação do VA foi obtido com racionalização do processo produtivo.

Tabela 7 - Pessoal ocupado por empresa, salário médio e produtividade, segundo segmentos do comércio no município do Rio de Janeiro - 2001/2005

Segmentos do Comércio	Média de pessoal ocupado por empresa		Salário médio (em salários mínimos) (1)		Produtividade (R\$) (2)	
	2001	2005	2001	2005	2001	2005
Total	91	86	5.2	4.4	36 983	57 490
Veículos, peças e motocicletas	71	82	5.0	4.3	30 349	62 117
Atacado	81	82	10.9	10.0	106 216	163 935
Varejo	99	88	3.5	2.7	17 256	24 936

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

(1) Valores correntes calculados pela divisão dos salários, retiradas e outras remunerações pelo salário mínimo anual, cujo cálculo inclui o 13º salário, e em seguida pelo total de pessoal ocupado nas empresas. O cálculo do salário mínimo anual resultou no valor R\$ 3.740 para 2005 e R\$ 2.253 para 2001; (2) Valores correntes calculados pela divisão do valor adicionado pelo número de pessoas ocupadas.

Tomando como referência indicadores médios de ocupação, remuneração, produtividade, receita e taxa de margem de comercialização¹⁴ (Tabelas 7 e 8), o comportamento entre os anos de 2001 e 2005 do comércio carioca demonstra uma redução de mão-de-obra (-5,5%) e dos salários, retiradas e outras remunerações (-

¹³ Valor adicionado (VA) corresponde à diferença entre o valor bruto da produção e o consumo intermediário. Expressa o valor que a atividade econômica acrescenta aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo. Para o ano de 2005, as estimativas da PAC para a cidade do Rio de Janeiro resultaram num VA de R\$ 9,3 bilhões, 81,2% do apurado para o estado do Rio de Janeiro (R\$ 11,5 bilhões), ou seja, o comércio carioca responde por quatro quintos da agregação de valor do total do estado.

¹⁴ Taxa de margem de comercialização corresponde à divisão da margem de comercialização pelo custo da mercadoria vendida. Expressa quanto uma unidade monetária de custo retorna para a empresa em forma de lucro.

8,5%)¹⁵, que levaram a um aumento em valores correntes¹⁶ da produtividade (55,4%) e do faturamento (45,9%) da atividade, que ajustada à evolução dos preços médios implicou em perdas reais. Na medida em que o comércio em geral não conseguiu obter receitas reais compatíveis às existentes no início do período (2001), poder-se-ia supor que o resultado refletisse uma maior competitividade e a atividade fosse mais desconcentrada. Ao utilizar uma medida do grau de concentração no nível dos segmentos, já que as informações da PAC não foram disponibilizadas no nível da empresa, os resultados não corroboram a hipótese da desconcentração, mas sim o inverso, o que indica que a perda real de receita foi devida a outros fatores que não a concorrência no setor. O CR4¹⁷ do comércio com base na receita líquida para os anos de 2001 e 2005 foi de 91,9% e 91,4%, respectivamente, caracterizando a extrema concentração da atividade comercial, na qual um único subsegmento, o do atacado de produtos intermediários não-agropecuários, resíduos e sucatas, é responsável por mais de dois terços.

O comportamento dos segmentos para as mesmas variáveis contempladas nas Tabelas 7 e 8, entretanto, expõe desempenhos diferenciados. O que mais se aproxima da variação média da atividade comercial é o varejo, o maior empregador em 2005, que, no entanto, reduziu a mão-de-obra em mais que o dobro do total dos segmentos (-11,1%). É aquele que pior remunera (2,7 salários mínimos), o que mais reduziu o salário médio (-15,6%) e tem a pior produtividade (56,7% inferior à média em 2005), mas é o que obtém maior lucro por cada unidade monetária de custo (35,6% em 2005), tendo, ainda, aumentado a margem em 3,2 pontos percentuais desde 2001. Em termos reais, entretanto, foi o que obteve maior perda nas receitas auferidas entre os anos considerados (+15,5% em valores correntes).

¹⁵ O propósito em expor a informação do salário médio em salários mínimos é o de permitir ao leitor compará-las com aquela disponível nas tabelas da PAC para o nível nacional, divulgada nos relatórios do IBGE. Entretanto, entre os anos considerados (2001 e 2005), o salário mínimo médio sofreu acréscimo nominal (94,7%) muito superior ao da inflação (54,5% pelo IPCA-RJ/IBGE), distorcendo o olhar comparativo naquele indicador. Assim, o cálculo das variações reais neste trabalho, tendo o IPCA-RJ/IBGE como referência, levou em consideração os valores nominais disponíveis na base de dados.

¹⁶ As variações percentuais das variáveis monetárias nesta sessão são nominais. Para efeito de comparação e aproximação a valores reais (corrigidos pelos preços), o Índice de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA) da Região Metropolitana do Rio de Janeiro elevou-se entre os anos considerados em 54,5%.

¹⁷ O CR4 mede o grau de concentração de ordem 4 da atividade, ou seja, mensura em termos percentuais a participação dos quatro maiores subsegmentos do comércio em relação ao total. Quanto mais próximo de um for seu resultado, mais concentrada é a atividade. Os segmentos que compuseram o CR4 para os anos citados foram os mesmos, demonstrando estabilidade, e se referem ao: Comércio atacadista de produtos intermediários não-agropecuários, resíduos e sucatas; Comércio varejista não-especializado; Comércio varejista de outros produtos, e; Comércio a varejo e por atacado de veículos automotores - inclusive reboque e semi-reboques, ambulâncias, betoneiras - exceto bicicletas, tratores agrícolas e motocicletas.

O atacado manteve praticamente estável a ocupação média (+1,2%), foi o que menos reduziu a remuneração dos ocupados (-1,9%) mantendo a liderança em salários-mínimos por empregado (10,0, mais que o dobro da média), e mesmo assim obteve retornos maiores que a média do comércio em produtividade (+54,3%) e receita (+57,5%), as maiores em termos nominais dentre todos os segmentos pesquisados (2,8 vezes mais produtivo e receita 3,6 vezes maior que a média, em 2005), mesmo à custa de redução na taxa de lucro (-1,4% ponto percentual). É, pois, o segmento cujos resultados possuem o maior destaque.

Tabela 8 - Taxa de margem de comercialização e receita média, segundo segmentos do comércio no município do Rio de Janeiro - 2001/2005

Segmentos do Comércio	Taxa de margem de comercialização (%)		Receita média (R\$) (1)	
	2001	2005	2001	2005
Total	14.3	13.0	44 458	64 847
Veículos, peças e motocicletas	14.7	15.8	23 099	49 041
Atacado	11.0	9.6	146 739	230 940
Varejo	32.4	35.6	11 113	12 838

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

(1) Valores calculados pela divisão da receita líquida de revenda pelo número de empresas.

Por fim, apesar de não ter resultados tão expressivos quanto o atacado, entre 2001 e 2005 o segmento de veículos, peças e motocicletas foi o que apresentou incrementos mais significativos. Apesar de ter o menor contingente de empregados dentre os segmentos, aumentou em 15,5% o pessoal ocupado pagando salários médios 7,7% inferiores, dobrou a produtividade (+104,7%) e o retorno financeiro de seu negócio (+112,3%), com leve aumento na taxa de comercialização (+1,1 ponto percentual). Esta combinação de resultados demonstra que o segmento soube aproveitar as oportunidades quanto à recuperação da renda e do crédito que se observou no período¹⁸ com redução de custo, sem comprometer seu desempenho. Por comercializar bens de maior durabilidade e valor unitário, o incremento do crédito na

¹⁸ Na cidade do Rio de Janeiro a massa de rendimentos reais, segundo dados da Pesquisa Mensal de Emprego, cresceu 5,1% entre 2003 e 2005. Quanto ao crédito, as informações prestadas pelo Banco Central não são regionalizadas, inviabilizando a avaliação local dos impactos das mudanças nesta variável.

presente década de 2000 foi determinante na demanda por bens e mostrou o quão importante passou a ser para este segmento.

Por outro lado, o resultado diferenciado observado entre os dois maiores segmentos (atacado e varejo) no que diz respeito à receita média e taxa de margem, expõe características intrínsecas de cada um quanto à política de preços, bem como pela posição que ocupam e papel que exercem na cadeia do comércio. Com a função de intermediar produtores e varejistas, o atacado tem estrutura distinta de comercialização, com empresas de maior porte e elevado volume de vendas, agrega mais (R\$ 5,7 bilhões de valor adicionado em 2005) e emprega menos (aproximadamente 35 mil empregados em 2005); já o varejo tem por característica um elevado número de estabelecimentos, em sua maioria de pequeno porte, agrega menos valor (R\$ 2,9 bilhões de VA em 2005) e emprega mais (cerca de 116 mil empregados em 2005). A relação entre receita e custo, entretanto, demonstra com mais clareza as alternativas buscadas por cada um dos segmentos. Entre 2001 e 2005, o varejo, que por estar na ponta da cadeia e ter relacionamento direto com o consumidor tem mais dificuldade em reajustar preços, teve o pior desempenho em termos de receita média, incorrendo em perdas reais, e compensou parte do resultado negativo pressionando o atacado, que viu sua taxa de margem de comercialização reduzir-se enquanto ele aumentava a sua (que já era a maior dos três segmentos), como também reduzindo em maior magnitude o custo da mão-de-obra. Já o atacado conseguiu pequeno retorno real em suas receitas apoiado pela maior produtividade entre os segmentos pesquisados, mesmo contratando pessoal e perdendo margem.

2.2 Principais destaques por segmento do setor comercial empresarial carioca em 2005

Partindo para um maior nível de detalhamento, dar-se-á destaque ao subsegmentos que apresentaram a maior participação em 2005 para as variáveis empresas, estabelecimentos, pessoal ocupado, salários e outras remunerações, bem como o número de empregados por empresa e valores médios de salários pagos, produtividade e a taxa de margem de comercialização¹⁹, e que por essa razão seus resultados determinaram o comportamento do segmento.

¹⁹ As informações absolutas relacionadas às variáveis analisadas nesta sessão estão disponíveis no anexo.

2.2.1 Comércio de veículos, peças e motocicletas

A atividade de venda de veículos automotores foi a que mais se destacou no segmento de veículos, peças e motocicletas, tendo em vista a participação em cada uma das principais variáveis consideradas no ano de 2005: 55,9% do número de empresas, 59,4% do número de estabelecimentos, 77,5% do pessoal ocupado e 84,1% dos salários pagos (Figura 1). Gerou R\$ 6,5 bilhões em 2005 de receita líquida de revenda (92,3% do total) e pagou R\$ 156,2 milhões em salários, retiradas e outras remunerações, correspondente a 4,6 salários mínimos, o único subsegmento que remunerou acima da média (4,3). Naquele ano foi, também, o maior empregador por empresa (113 ocupados) e aquele que possuía a mão-de-obra mais produtiva do segmento, com taxa de margem de comercialização apenas 0,8 ponto percentual inferior à média (Tabela 9).

Dada a relevância da atividade de venda de veículos automotores, o comércio de peças para veículos se apresentou como o segundo mais importante do segmento, com 37,8% das empresas, 35,9% dos estabelecimentos, 18,9% do pessoal ocupado e 13,6% dos salários pagos, tendo a segunda colocação em termos de remuneração média (3,1 salários mínimos). A elevada porcentagem de estabelecimentos do subsegmento é condizente com a necessidade de atingir um público-alvo disperso geograficamente, e que preza pela manutenção de um bem de alto valor unitário, o que lhe garantiu a maior taxa de margem de comercialização do segmento: 35,5%.

Por fim, o comércio de motocicletas, peças e acessórios, que agrega para os veículos de duas rodas a venda de peças, foi aquele que menos contribuiu para o segmento em termos de receita líquida de revenda (R\$ 98 milhões) e salários pagos (R\$ 4,3 milhões), bem como o que apresentou as menores participações relativas. Os únicos destaques, *vis-à-vis* os demais subsegmentos, foram a ocupação média por empresa, superior à de peças para veículos, e a segunda melhor margem de comercialização (23,6%).

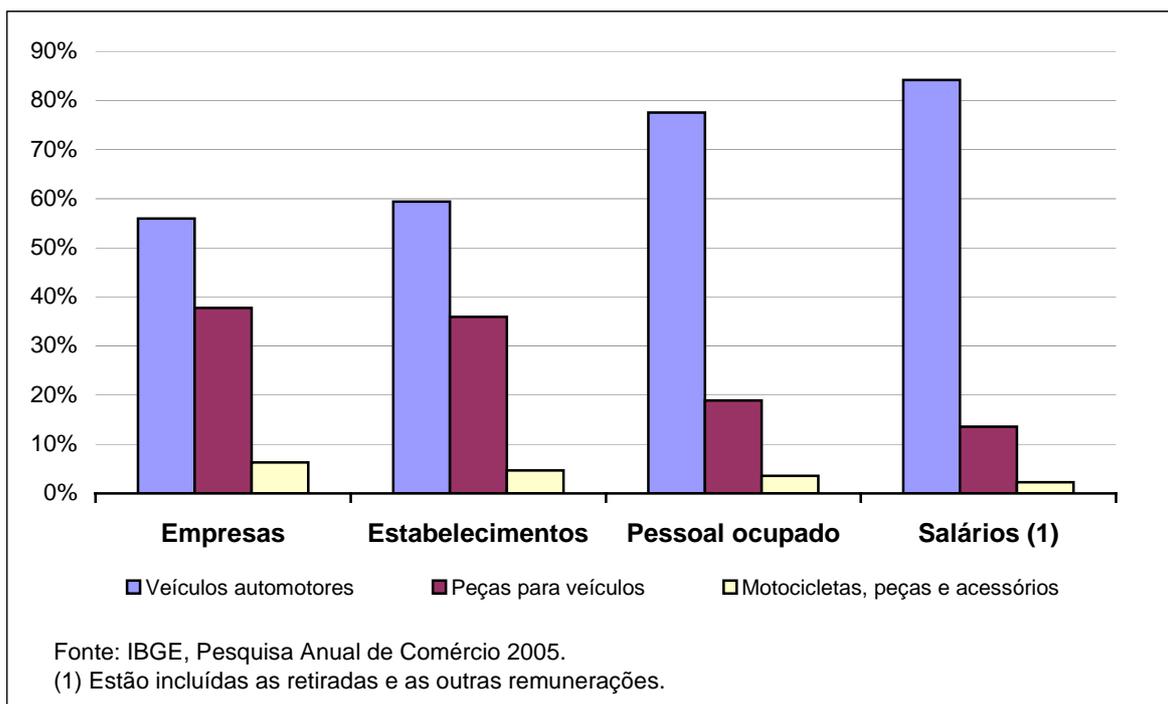


Figura 1 – Participação dos subsegmentos no comércio de veículos, peças e motocicletas

Tabela 9 - Pessoal ocupado por empresa, salário médio, produtividade e taxa de margem de comercialização, segundo subsegmentos do comércio de veículos, peças e motocicletas no município do Rio de Janeiro - 2005

Atividade	Média de pessoal ocupado por empresa	Salário médio (em salários mínimos) (1)	Produtividade (R\$) (2)	Taxa de margem de comercialização (%) (3)
Total	82	4.3	62 117	15.8
Veículos automotores	113	4.6	67 621	14.6
Peças para veículos	41	3.1	45 686	35.5
Motocicletas, peças e acessórios	46	2.8	29 399	23.6

Fonte: IBGE. Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

(1) Valores calculados pela divisão dos salários, retiradas e outras remunerações pelo total de pessoal ocupado nas empresas e em seguida pelo salário mínimo anual, cujo cálculo inclui o 13º salário. O cálculo do salário mínimo anual resultou no valor de R\$ 3.740;

(2) Valores correntes calculados pela divisão do valor adicionado pelo número de pessoal ocupado; (3) Valores calculados pela divisão da margem de comercialização pelo custo da mercadoria vendida.

2.2.2 Comércio por atacado

Apesar de possuir apenas 22,8% das empresas do segmento (o terceiro mais importante), o comércio de produtos intermediários, resíduos e sucatas²⁰ destacou-se como o que possuía o maior número de estabelecimentos (58,3% do total do atacado), de pessoal ocupado (40,5%) e no pagamento de salários, retiradas e outras

²⁰ Composto pelas atividades de combustíveis e lubrificantes; produtos extrativos de origem mineral.; madeira, material de construção, ferragens etc.; produtos químicos, adubos e fertilizantes; resíduos e sucatas

remunerações (70,1%, ou R\$ 910,2 milhões) em 2005 (ver Figura 2 e tabelas A5 e A6 do anexo). Foi o único dentre os subsegmentos que remunerou acima da média do atacado (10,0 salários mínimos-SM), em média 17,2 SM's, que mais empregou em termos absolutos e médios (cerca de 14 mil empregados e 146 por empresa), sendo 1,9 vez mais produtivo que a média (Tabela 10), e obteve 92,1% da receita líquida de revenda do segmento (R\$ 90,6 bilhões).

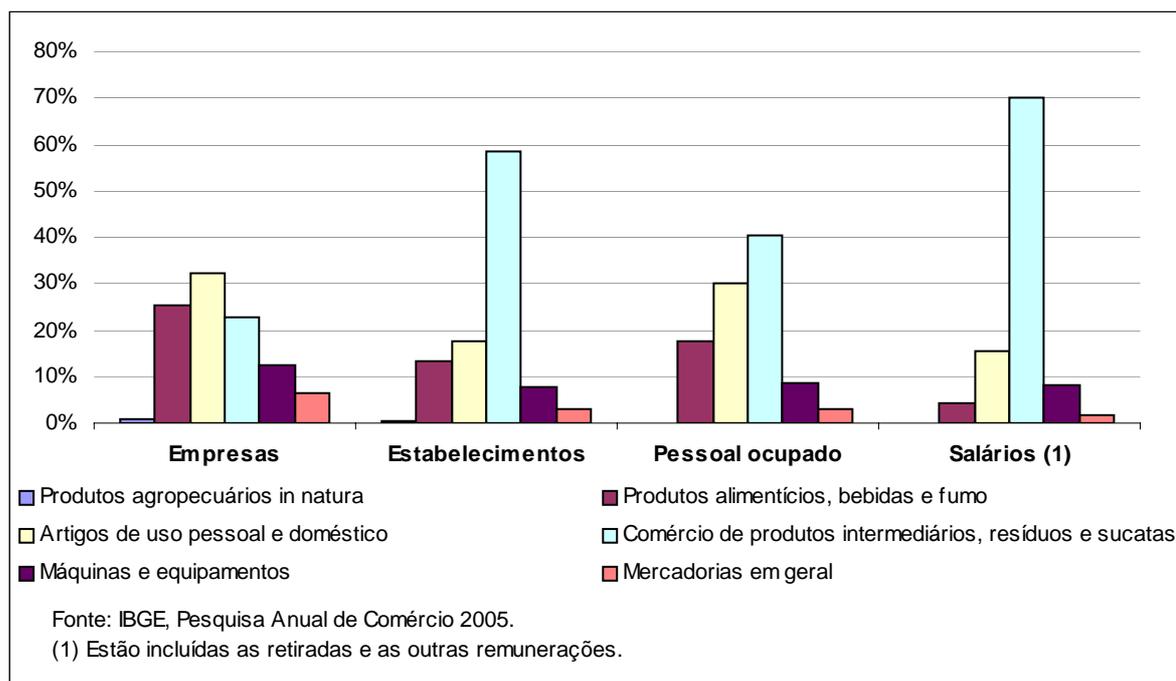


Figura 2 – Participação dos subsegmentos no comércio por atacado

O segundo maior entre os seis subsegmentos do atacado foi artigos de uso pessoal e doméstico²¹, que possuía em 2005 o maior número de empresas (137, ou 32,2% do total), 17,4% dos estabelecimentos, 30,1% do pessoal ocupado e responsável por 15,4% do total de salários pagos. Mesmo sendo 58% menos produtivo que a média do atacado, este segmento teve retorno por unidade de custo em termos percentuais 5,6 vezes maior do que a média (53,3%), e dezoito pontos percentuais superior ao segundo colocado nesta variável (comércio de máquinas, aparelhos e equipamentos de uso agropecuário, comercial e industrial). Quanto à receita líquida de revenda, agregando os ganhos obtidos (R\$ 4,0 bilhões) ao subsegmento de maior faturamento, responderam por 96,2% da receita do atacado, percentual que atingiu

²¹ Composto pelas atividades fios,têxteis, tecidos artefatos de tecido e de armarinho; artigos de vestuário e complementos, e; calçados.

98,3% se aos dois for adicionado o ganho apurado pelo comércio de produtos alimentícios, bebidas e fumo (R\$ 2,1 bilhões), mas cujas participações são menos expressivas.

Tabela 10 - Pessoal ocupado por empresa, salário médio, produtividade e taxa de margem de comercialização, segundo subsegmentos do comércio por atacado no município do Rio de Janeiro - 2005

Atividade	Média de pessoal ocupado por empresa	Salário médio (em salários mínimos) (1)	Produtividade (R\$) (2)	Taxa de margem de comercialização (%) (3)
Total	82	10.0	163 935	9.6
Produtos agropecuários <i>in natura</i> e produtos alimentícios para animais	24	4.2	46 079	13.2
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	56	2.5	26 306	14.1
Artigos de uso pessoal e doméstico	76	5.1	68 588	53.3
Comércio de produtos intermediários, resíduos e sucatas	146	17.2	312 247	8.0
Comércio de máquinas, aparelhos e equipamentos de uso agropecuário, comercial e industrial	57	9.5	96 813	35.0
Comércio de mercadorias em geral	39	5.4	120 223	11.4

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

(1) Valores calculados pela divisão dos salários, retiradas e outras remunerações pelo total de pessoal ocupado nas empresas e em seguida pelo salário mínimo anual, cujo cálculo inclui o 13º salário. O cálculo do salário mínimo resultou no valor de R\$ 3.740; (2) Valores correntes calculados pela divisão do valor adicionado pelo número de pessoal ocupado; (3) Valores calculados pela divisão da margem de comercialização pelo custo da mercadoria vendida.

2.2.3 Comércio varejista

De acordo com o IBGE (2005, p. 38)²², o comércio varejista (...) passou por transformações nos últimos anos, destacando-se nesse processo: o acirramento da concorrência com a entrada de grandes empresas internacionais do setor no mercado nacional, a reestruturação patrimonial dos grandes grupos econômicos, e a rápida assimilação de inovações organizacionais e tecnologias de informação". Por estar na ponta da cadeia e ter a variação de seus preços acompanhados sistematicamente por intermédio dos índices de inflação (como parte do sistema de metas implementado pelo Banco Central), o varejo centrou nos custos a variável de ajuste, o que fez com que as margens do atacado se reduzissem, como já comentado. O resultado disso é que era o segmento com a maior taxa de margem de comercialização (35,6%), e tinha no subsegmento de tecidos, artigos de armarinho, vestuário e calçados o líder dentre todos em retorno por unidade de custo (83,5%).

²² IBGE. **Pesquisa Anual de Comércio 2005**. v. 17. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. 143p.

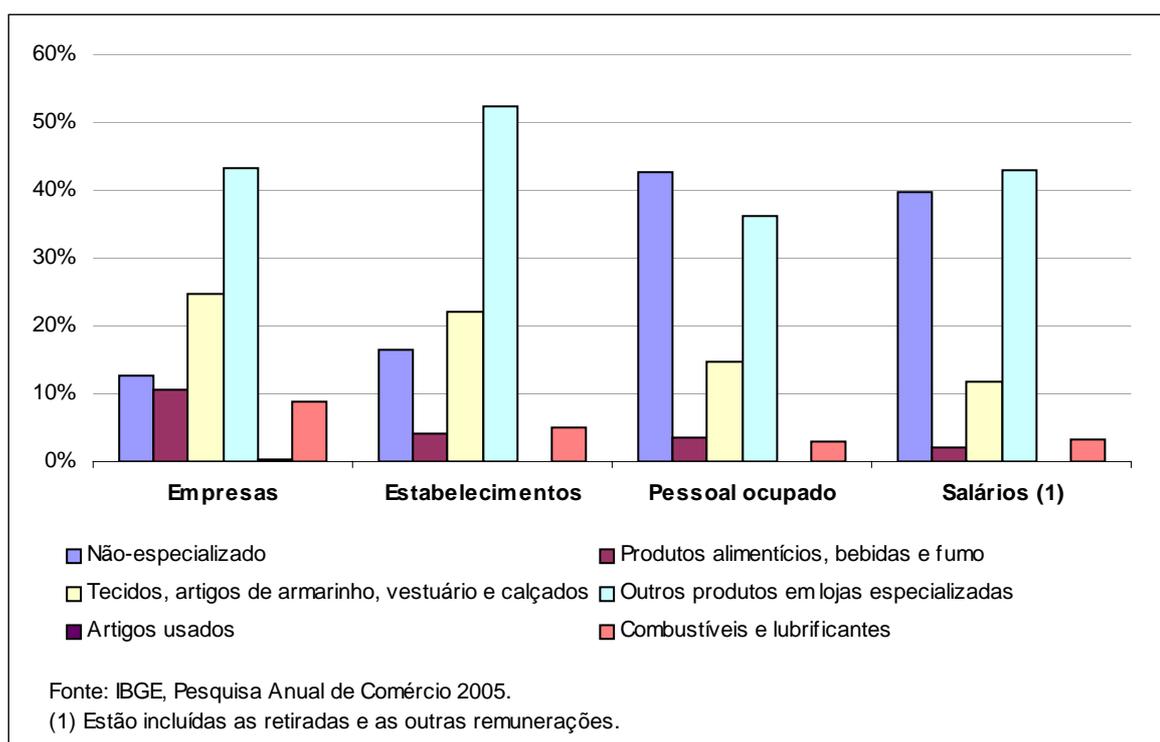


Figura 3 – Participação dos subsegmentos no comércio varejista

Quanto aos subsegmentos que se destacaram segundo a participação havia maior heterogeneidade, considerando-se as variáveis examinadas nas sessões anteriores, mas dois deles participaram com freqüência na classificação dos maiores. No número de empresas destacaram-se outros produtos em lojas especializadas (43,2% do total), que também era o que melhor remunerava por empregado (3,3 salários mínimos, superior à média do segmento de 2,7 SM's) e o segundo mais produtivo (R\$ 30,5 mil de valor adicionado por empregado, segundo a Tabela 10); no número de estabelecimentos, outros produtos em lojas especializadas²³ (52,4% do total) também despontava, seguido por tecidos, artigos de armarinho, vestuário e calçados, que como já foi dito, tinha a maior margem; no número de empregados o comércio não-especializado²⁴ liderava com 42,6% do total e 298 ocupados por empresa (3,4 vezes mais que a média do segmento), sendo, pois, o maior empregador.

²³ Composto por produtos farmacêuticos, médico, ortopédico, de perfumaria, cosmético e veterinário; máquinas e aparelhos de uso doméstico e pessoal, discos, instrumentos musicais, etc.; móveis, artigos de iluminação e outros artigos de residência; material de construção, ferragens, ferramentas manuais e produtos metalúrgicos, vidros, espelhos e vitrais, tintas e madeiras; equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação; livros, jornais, revistas e papelaria; gás liquefeito de petróleo (GLP), e; outros produtos.

²⁴ Cabe considerar que neste subsegmento há atividades com predominância de produtos alimentícios (minimercados, mercearias e armazéns varejistas e lojas de conveniência) e outras sem predominância (lojas de departamentos ou magazines, lojas de variedades e lojas *duty free* de aeroportos). Este detalhamento, entretanto, fica impossibilitado pelo fato das informações da PAC para a cidade do Rio terem sido prestadas com código CNAE a três dígitos, e as atividades só poderem ser observadas a cinco dígitos.

Em segundo lugar vinha outros produtos em lojas especializadas com 36,1% dos ocupados e a segunda maior média de empregados por empresa (73), e; quanto ao pagamento de salários, retiradas e outras remunerações, houve uma inversão no posicionamento da variável pessoal ocupado: outros produtos em lojas especializadas dispendeu o maior volume (R\$ 508 milhões, ou 43,1% do total) e o comércio não-especializado ficou com o segundo lugar (R\$ 470,1 milhões, ou 39,8%). Por fim, tendo como referência o faturamento líquido, dos R\$ 16,9 bilhões apurados em 2005 o comércio não-especializado foi responsável por 48,2% (R\$ 8,1 bilhões) e outros produtos em lojas especializadas por 38,5% (R\$ 6,5 bilhões), perfazendo 86,5% de tudo que se arrecadou na revenda de mercadorias. Pode-se observar que, considerando as variáveis analisadas, os subsegmentos de outros produtos em lojas especializadas e comércio não-especializado foram aqueles que se sobressaíram no varejo.

Tabela 11 - Pessoal ocupado por empresa, salário médio, produtividade e taxa de margem de comercialização, segundo subsegmentos do comércio varejista no município do Rio de Janeiro - 2005

Atividade	Média de pessoal ocupado por empresa	Salário médio (em salários mínimos) (1)	Produtividade (R\$) (2)	Taxa de margem de comercialização (%) (3)
Total	88	2.7	24 936	35.6
Comércio não-especializado	298	2.6	24 807	29.8
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	29	1.5	7 903	73.3
Tecidos, artigos de armarinho, vestuário e calçados	53	2.2	13 946	83.5
Comércio de outros produtos em lojas especializadas	73	3.3	30 505	41.8
Comércio de artigos usados	40	1.4	8 418	77.7
Combustíveis e lubrificantes	29	3.0	34 099	18.4

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

(1) Valores calculados pela divisão dos salários, retiradas e outras remunerações pelo total de pessoal ocupado nas empresas e em seguida pelo salário mínimo anual, cujo cálculo inclui o 13º salário. O cálculo do salário mínimo resultou no valor de R\$ 3.740; (2) Valores correntes calculados pela divisão do valor adicionado pelo número de pessoal ocupado; (3) Valores calculados pela divisão da margem de comercialização pelo custo da mercadoria vendida.

3 CONJUNTURA RECENTE DO COMÉRCIO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO²⁵

O acompanhamento conjuntural do comércio varejista²⁶ é feito mensalmente pelo IBGE através da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)²⁷, desagregada em dez atividades dispostas em dois grupos (comércio varejista e comércio varejista ampliado),

²⁵ Esta sessão foi produzida com informações disponíveis até 01 de outubro de 2008.

²⁶ Não há pesquisa conjuntural que acompanhe o comércio atacadista.

²⁷ A série histórica teve início em janeiro de 2000, e os recortes geográficos para os quais se disponibilizam as informações são Brasil e Unidades da Federação, sendo que em algumas delas há desagregação por atividades e em outras não. Tendo em vista o peso da cidade do Rio de Janeiro na amostra da PMC, através do convênio com o IBGE o município do Rio de Janeiro tem recebido as informações produzidas mensalmente, bem como para outras pesquisas conjunturais, que se encontram disponíveis no sítio do Armazém de Dados (www.armazemdedados.com.br), em Estatísticas Municipais.

levantando informações sobre as variáveis volume de vendas e receita de vendas. Como visto anteriormente (Tabela 6), tendo como referência a PAC de 2005 para o recorte da cidade do Rio de Janeiro, a PMC cobre aproximadamente dois quintos do valor adicionado do comércio (38,7%) e quatro quintos do pessoal ocupado (78,5%). Apesar de a pesquisa não representar estruturalmente o comércio (o que se observa na PAC), como o varejo é a ponta da cadeia, sua evolução embute – de certa maneira – o que ocorre com o atacado. Por ser um instrumento mais ágil (gera informações com dois meses de defasagem em relação ao mês de referência), a PMC torna-se, junto com as demais pesquisas mensais setoriais de cunho econômico e social do IBGE (Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física – PIM-PF e Pesquisa Mensal de Emprego-PME), fonte importante de avaliação do nível de atividade para o planejamento governamental e privado na tomada de decisões estratégicas. Nas sessões seguintes se fará um breve histórico do comportamento do comércio carioca e suas atividades com base na PMC para as duas variáveis pesquisadas, um maior detalhamento para o ano fechado mais recente (2007) e os resultados para o ano em curso.

3.1 Evolução dos resultados da PMC entre 2000 e 2007

Na sessão que avaliou os resultados da PAC, pôde-se observar o peso da atividade comercial carioca no estado do Rio de Janeiro e no Brasil para algumas das variáveis cobertas pela pesquisa. Da mesma forma, tendo como referência os resultados acumulados entre 2000 e 2007 para cada um dos recortes geográficos citados, procurar-se-á apresentar o crescimento do volume e da receita nominal de vendas no intuito de verificar se há padrões comuns de evolução.

3.1.1 Crescimento comparado do comércio carioca, fluminense e nacional

Numa primeira avaliação, duas percepções emergem da observação da variação acumulada para os três recortes geográficos citados (Tabela 12). A primeira diz respeito à evolução diferenciada na maioria das atividades para as duas variáveis (volume e receita de vendas) entre o Brasil e o estado do Rio de Janeiro (ERJ), com resultados mais pronunciados para o primeiro (positivamente, ou menos negativamente). A segunda diz respeito ao alinhamento entre o estado do Rio e sua

capital (MRJ), positiva ou negativamente, com predominância da cidade do Rio de Janeiro nos acréscimos e menor variação nas reduções, excetuando-se duas atividades dentre onze pesquisadas (combustíveis e lubrificantes e material de construção). Quanto à primeira percepção, os fatores que a influenciam não dizem respeito à estrutura do comércio varejista fluminense e nacional, dada sua relativa semelhança, mas sim a outros fatores. Macedo²⁸, ao analisar as diferenças de crescimento do comércio entre o Brasil e o estado do Rio de Janeiro, destaca que as causas devem ser buscadas nos outros setores com os quais o comércio interage, dado que nesta Unidade Federativa: a agropecuária é incipiente, e não serve de elemento encadeador; a indústria é concentrada em bens intermediários, que não tem apresentado o mesmo dinamismo que os bens duráveis e semiduráveis, e; a massa de salários do setor Serviços tem origem e peso relevantes em proventos dos funcionários públicos, o que expressa a influência do serviço público federal, e que dada a estabilidade do emprego no setor público, nas expansões impede maior dinamismo, e em momentos de retrocesso da atividade a amortece.

Tabela 12 - Taxa de variação acumulada do volume de vendas e da receita de vendas segundo as atividades do comércio no município e estado do Rio de Janeiro, e Brasil - 2000/2007

Atividades	Volume de vendas			Receita de vendas		
	Brasil	ERJ	MRJ	Brasil	ERJ	MRJ
Comércio varejista	25.6	15.6	20.4	90.7	75.2	82.5
Combustíveis e lubrificantes	-7.9	-26.8	-39.5	67.8	36.7	13.7
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	18.6	-4.5	-3.4	85.3	47.7	52.1
Hipermercados e supermercados	20.2	-5.5	-3.7	87.6	46.3	51.8
Tecidos, vestuário e calçados	21.5	8.2	8.4	94.3	79.1	81.9
Móveis e eletrodomésticos	81.5	43.3	47.4	135.4	85.8	90.5
Artigos farmacêuticos, médicos, ortop., de perfumaria e cosméticos (1)	28.5	3.0	5.8	56.7	20.8	24.0
Equipamento e material de escritório, informática e comunicação (1)	185.1	239.8	299.0	86.6	114.3	150.7
Livros, jornais, revistas e papelaria (1)	8.3	-4.3	-2.3	34.6	15.8	18.2
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	91.9	90.1	132.2	118.7	136.5	264.3
Veículos, motos, partes e peças (2)	57.3	42.2	47.8	86.6	72.5	93.6
Material de construção (1) (2)	11.6	-12.7	-33.1	47.7	18.5	5.6

Fonte: IBGE, Pesquisa Mensal de Comércio-PMC.

(1) As variações desta atividade não cobrem todo o período das demais, por terem começado a ser levantadas em 2004.

(2) Esta atividade pertence ao comércio varejista ampliado.

²⁸ MACEDO, Nilo Lopes de. Comércio: quatro anos de crescimento contínuo. *RIOeconomia*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 98-106, maio 2008.

As considerações de Macedo (2008) quanto às condições estruturais da economia fluminense tiveram o propósito de ressaltar a elevada correlação existente entre as variações do Produto Interno Bruto (PIB) regional e do comércio, dado que pela ótica da renda cerca de 60% do valor adicionado é devido ao consumo das famílias. Na medida em que em 2005 a capital representava 48,2% do PIB fluminense, o PIB *per capita* era 21,6% superior à do estado do Rio²⁹, e o comércio carioca respondia por aproximadamente 90% da receita líquida de revenda gerada no estado (ver sessão anterior), é razoável supor que, a exemplo do que Macedo observou, a atividade econômica carioca evolua a taxas muito correlacionadas com a do consumo de mercadorias e serviços³⁰. Com base na mesma premissa, e em vista do elevado peso da capital na atividade comercial fluminense, esperava-se que os resultados (mais positivos ou menos negativos) fossem determinados pelo movimento da capital, e que houvesse alinhamento na evolução da cidade do Rio e da Unidade da Federação na qual está inserida.

3.1.2 Crise e recuperação interanual do comércio varejista, e a retomada em 2007

As análises decorrentes dos resultados acumulados da Tabela 12 não dão indicações de como se comportou, ao longo do tempo considerado (2000 a 2007), o comércio brasileiro, fluminense e carioca. Para este olhar, far-se-á uso da média móvel de 12 meses, que expressa para cada mês o confronto dos últimos doze meses com período idêntico anterior³¹. Tomando como base a evolução do volume de vendas para cada um dos recortes geográficos (Brasil, ERJ e MRJ) (Figura 4), observa-se a semelhança estrutural do comércio mencionada por Macedo, já que a aderência entre as séries é bastante razoável. Também é possível ver que há prevalência nos resultados do Brasil e do município do Rio em relação ao estado do Rio, dado que as curvas dos primeiros (Brasil e MRJ) evoluem acima deste último na maior parte do tempo.

²⁹ Segundo o IBGE, o PIB fluminense foi estimado em R\$ 246,9 bilhões e o da capital em R\$ 119,0 bilhões; já a renda *per capita* fluminense era de R\$ 16.052 e a carioca de R\$ 19.524.

³⁰ Por não ser diretamente medido e/ou construído como para as Unidades da Federação no projeto de Contas Regionais, mas, sim, apurado por rateio e divulgado no nível de setores – Agropecuária, Indústria e Serviços –, as informações anuais derivadas do PIB municipal pelo IBGE não se prestam para o cálculo de variações reais, haja vista não existirem índices de preço setoriais municipais, impossibilitando replicar para o município do Rio de Janeiro a análise conjunta das variações do PIB e do comércio realizadas por Macedo (2008).

³¹ Ano móvel.

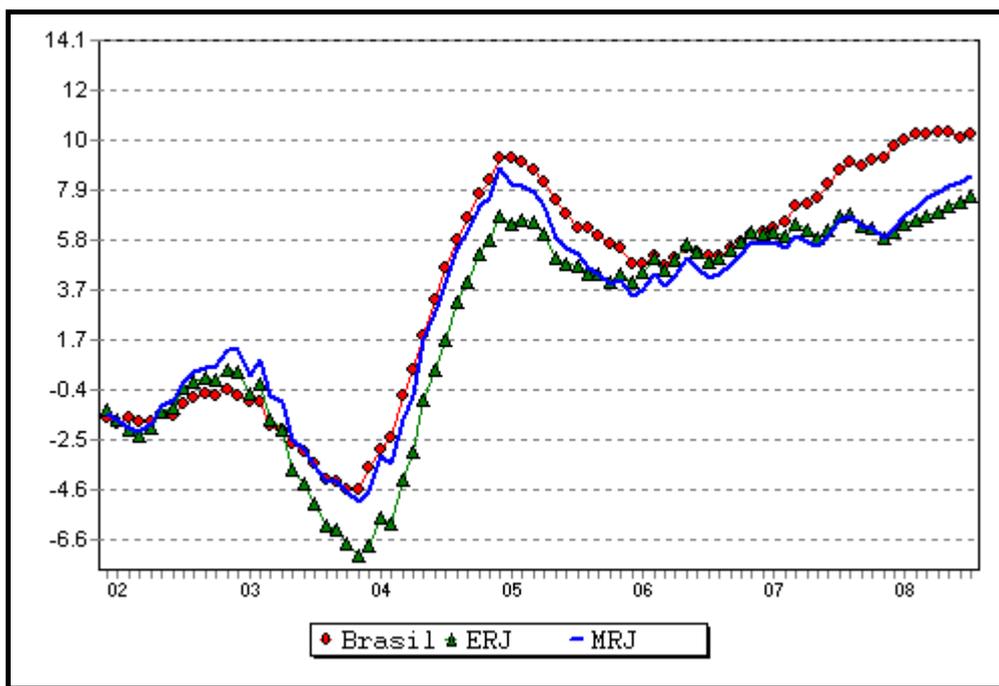


Figura 4 – Variações anuais do volume de vendas do comércio varejista no Brasil, estado do Rio de Janeiro (ERJ) e município do Rio de Janeiro (MRJ)

Outra situação visível refere-se à expressiva recuperação do comércio varejista ao longo de 2004. Para os três recortes geográficos, os resultados vinham negativos desde dezembro de 2001 (o primeiro mês para o qual o indicador pôde ser apurado) e começaram a reagir a partir do segundo trimestre de 2002 (com melhor desempenho para a cidade do Rio), época em que a instabilidade devida à incerteza do período pré-eleitoral, a volatilidade nos mercados financeiros e de divisas, e a volta da inflação perturbaram o cenário. Com isso, as variações anuais se deterioraram no começo do ano seguinte e a atividade econômica só passou a se recuperar no segundo semestre de 2003, ponto a partir do qual o indicador tornou-se mais sensível e passou a registrar reversão. Após ter atingido o fundo do poço em novembro de 2003 (-4,6% no Brasil, -7,3% no ERJ e -5,0% no MRJ), chegou ao pico da série treze meses depois, em dezembro de 2004 (+9,3% no Brasil, +6,8% no ERJ e +8,8% no MRJ), graças à combinação de movimentos que principiaram com o relaxamento da política monetária: recuperação da demanda por parte das empresas e famílias, aumento da ocupação e da concessão de crédito. O dinamismo de 2004 gerou expectativas que não se confirmaram em 2005, o que causou descontinuidade no nível de atividade e interrupção do ciclo virtuoso, que para efeito dos resultados do comércio manteve as taxas de crescimento do volume de vendas em torno de 5% até o primeiro semestre de

2007. Somente a partir de então as variações anuais voltaram a aumentar, com destaque para o Brasil, que bateu o recorde de 2004 em fins de 2007.

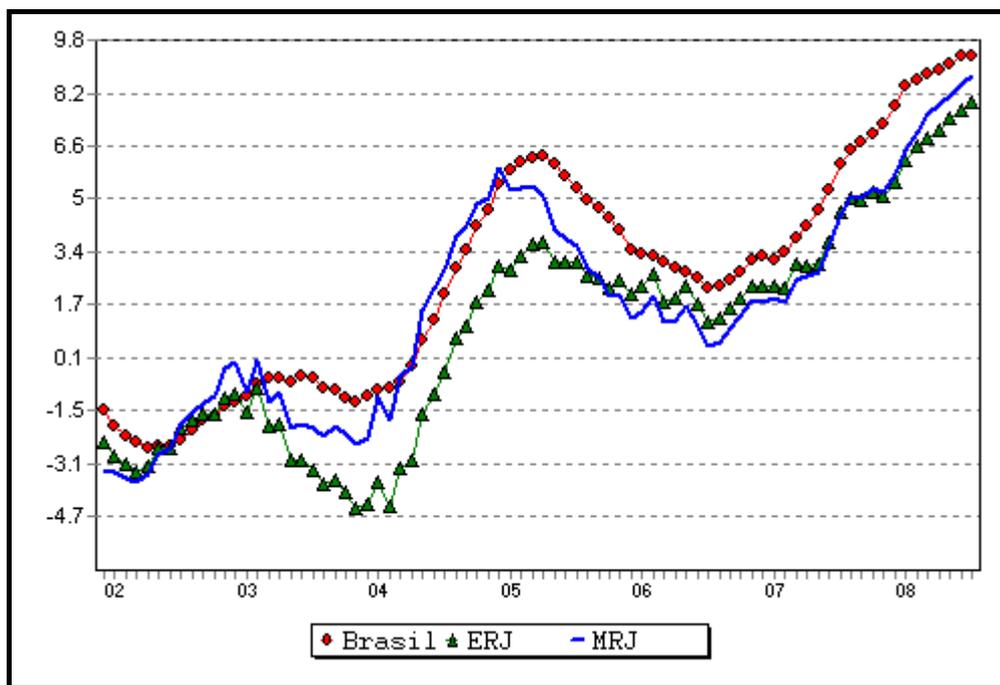


Figura 5 – Variações anuais da receita de vendas do comércio varejista no Brasil, estado do Rio de Janeiro (ERJ) e município do Rio de Janeiro (MRJ)

Quanto à evolução dos resultados anuais da receita de vendas ajustada aos preços e à sazonalidade³², suas trajetórias são muito parecidas com o observado para o volume de vendas, inclusive quanto à maioria dos pontos de reversão (início dos anos de 2003, 2004 e 2005). Divergem apenas na retomada mais recente do crescimento do faturamento e do *quantum* de vendas (meados e começo de 2006, respectivamente), e na velocidade de recuperação (mais pronunciada para a receita). Por conta desta evolução mais expressiva da receita, sua taxa de crescimento anual se assemelhou à do volume de vendas nos últimos meses (na cidade do Rio de Janeiro, 8,5% para receita e 8,2% no volume em junho de 2008), o que demonstra que ao longo do tempo as empresas comerciais compensaram os ganhos reprimidos no período em que a estagnação na elevação do rendimento dos trabalhadores vigorou – de meados de 2005 a fins de 2006 –, e o ritmo divergia em relação ao volume (na cidade do Rio de Janeiro, 1,4% para receita e 3,5% no volume).

³² As variações anuais foram geradas após as séries nominais terem sido deflacionadas pelo IPCA (geral, para o Brasil, e da Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o estado do Rio e a cidade do Rio de Janeiro), e dessazonalizadas no X12-ARIMA, cujos modelos sem efeitos de intervenção identificados são: (1 1 2)(0 1 1) multiplicativo para o estado do Rio de Janeiro, e; (0 1 1)(0 1 1) multiplicativo para o município do Rio de Janeiro. O IBGE divulga a série com ajuste sazonal para o Brasil.

3.1.3 Evolução por atividade comercial carioca e resultados em 2007

Da mesma maneira que para os recortes geográficos considerados anteriormente, a observação pelo confronto das taxas de crescimento da receita de vendas e do volume de vendas na cidade do Rio de Janeiro (MRJ), para cada uma das atividades listadas na Tabela 12, encobre a evolução temporal errática de cada segmento, e da forma como cada um se apropriou da renda das famílias e empresas em virtude de sua política de preços. Naquela tabela, excetuando-se a atividade de Equipamento e material de escritório, informática e comunicação, cujo volume de vendas entre 2000 e 2007 aumentou 299,0% e a receita 150,7%, resultado do barateamento dos bens transacionados, em todas as demais, mesmo naquelas em que houve queda do volume, a receita cresceu consideravelmente. Dentre as que tiveram crescimento em ambas as variáveis (volume e receita), o destaque ficou com Tecidos, vestuário e calçados, que em termos absolutos aumentou seu faturamento (+81,9%) quase dez vezes mais que o acréscimo do volume das mercadorias demandadas pelos clientes (+8,4%), o que reflete o elevado ganho por unidade vendida.

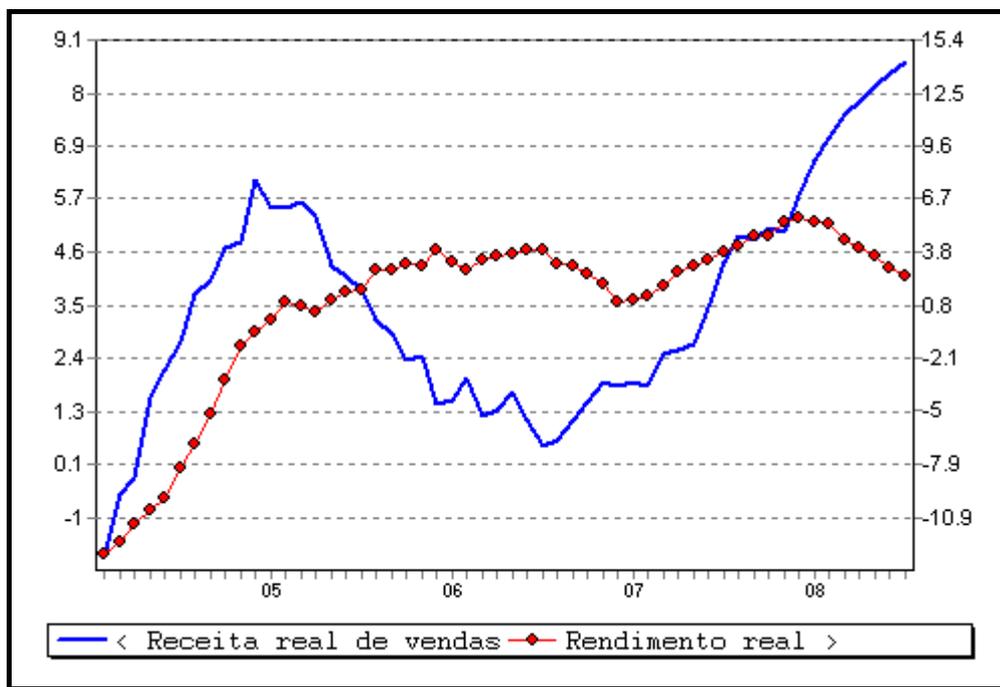


Figura 6 – Variações anuais da receita de vendas do comércio varejista carioca e do rendimento médio real habitual dos residentes no município do Rio de Janeiro

O comportamento interanual da receita de vendas, portanto, se viu sujeito às condições impostas pelas intervenções na atividade econômica ocorridas neste

período, e que impactaram, entre outras variáveis, o rendimento real dos trabalhadores. Tendo em vista que a mudança metodológica da Pesquisa Mensal de Emprego restringiu a comparação das taxas de crescimento anuais do rendimento e da receita, pode-se observar que as empresas comerciais se apropriaram da recuperação do rendimento real até fins de 2004 (Figura 6), mas viram o crescimento de seu faturamento se reduzir até quase estagnar-se no final do primeiro semestre de 2006, época em que o acréscimo dos ganhos dos trabalhadores se tornou relativamente estável (em torno de 3,5%). Estes movimentos ocorreram em resposta aos efeitos deletérios sobre a atividade econômica da política monetária contracionista de 2005, que elevou sistematicamente os juros reais até meados daquele ano e os manteve em dois dígitos, estendendo seus efeitos até o primeiro semestre do ano seguinte. A partir da segunda metade de 2006 as receitas voltaram a crescer – mesmo com a redução do crescimento do rendimento –, e em 2007, quando os juros reais eram decrescentes e voltaram ao patamar de um dígito, o crédito fez sua parte e alavancou as vendas, com o auxílio do mercado de trabalho e de uma nova recuperação do rendimento.

Tabela 13 - Taxa de crescimento anual do volume de vendas do comércio varejista e comércio varejista ampliado, segundo grupos de atividades, no município do Rio de Janeiro - 2001-2007

Atividades	Ano						
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Comércio varejista	-1.4	1.3	-4.6	8.8	3.5	5.6	6.3
Combustíveis e lubrificantes	-13.0	2.0	-10.7	3.0	-14.0	-14.6	0.9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-4.5	-3.8	-8.5	6.4	1.3	7.0	-0.5
Hipermercados e supermercados	-4.7	-3.1	-7.8	6.5	0.2	6.9	-0.7
Tecidos, vestuário e calçados	5.1	0.2	-12.9	1.8	5.8	-5.2	15.8
Móveis e eletrodomésticos	-6.1	-2.7	-2.0	23.8	10.6	3.2	16.4
Artigos farmacêuticos, médicos, ortop., de perfumaria e cosméticos (1)	1.3	-2.2	3.3
Equipamento e material de escritório, informática e comunicação (1)	86.0	53.8	53.5
Livros, jornais, revistas e papel (1)	-3.7	17.0	1.8
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	6.0	11.2	2.7	21.0	11.1	23.1	16.0
Comércio varejista ampliado	5.6	4.6	8.1
Veículos, motos, partes e peças	5.7	-9.1	-5.0	19.2	12.9	3.5	16.2
Material de construção (1)	-5.3	-13.9	-1.0

Fonte: IBGE, Pesquisa Mensal de Comércio-PMC.

(1) As variações desta atividade não cobrem todo o período das demais, por terem começado a ser levantadas em 2004.

Sinais convencionais utilizados:

... Dados numéricos não disponíveis

Os resultados anuais, diferentemente do que mostra o acumulado na Tabela 12, diferiram sensivelmente para cada uma das atividades como resposta à política monetária implementada e seus efeitos sobre renda e crédito, e de acordo com as

condições em que cada uma se encontrava no momento de sua execução, como se pode ver nas Tabelas 13 e 14. Tendo como referência o período expresso na Figura 6 (janeiro de 2004 a junho de 2008) para a observação dos resultados por atividade (Tabelas 13 e 14), observa-se que em 2005 houve uma redução no ritmo de crescimento nas vendas físicas e no faturamento, com exceção de Tecidos, vestuário e calçados, que só demonstra movimento semelhante em 2006 (queda no volume e menor faturamento). Móveis e eletrodomésticos (queda no volume e menor faturamento); Veículos, motos, partes e peças (vendas e faturamento menores), e Material de construção (queda nas vendas e menor faturamento), também sofrem o mesmo efeito retardado em 2006, com resultados diferentes, mas para Combustíveis e lubrificantes, entretanto, a queda nas vendas e no faturamento se mantém no biênio 2005-2006, com maior redução em volume (-26,6%) do que em receita (-5,6%), sendo este o pior desempenho dentre todas as demais. Nesta atividade, especificamente, a mudança da estrutura de consumo foi determinante, na medida em que a gasolina foi sendo paulatinamente substituída pelos carburantes mais baratos (álcool e GNV), e o incentivo tributário na forma de redução do IPVA aumentou a migração para o GNV³³.

Já no último ano da série (2007), Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo apresentou queda no volume de vendas de -0,5% em relação ao ano anterior, no qual havia crescido acima da média, e redução dos ganhos em faturamento. Um dos motivos para esse retrocesso foi o aumento da taxa de inflação no período, principalmente do preço dos alimentos, afetando o rendimento real da população de estratos de renda mais baixa, e conseqüentemente o consumo das classes mais pobres.

Móveis e eletrodomésticos, atividade cujas transações estão em grande parte atreladas a financiamentos, obteve uma expansão de 16,4% em volume e 12,4% em receita. Neste caso os fatores preponderantes da motivação de compra para os consumidores foram facilidades de acesso ao crédito, as constantes campanhas promocionais realizadas pelas redes varejistas e a ampliação dos prazos de parcelamento das compras.

A atividade de Outros artigos de uso pessoal e doméstico, que comercializa artigos de valores unitários compatíveis com o poder aquisitivo de expressiva parcela dos consumidores, obteve uma expansão de 16,0% no volume de vendas e 18,7% na

³³ Segundo a Agencia Nacional de Petróleo (ANP), 42% dos veículos movidos a GNV em 2007 circulavam no estado do Rio Macedo (2008).

receita. Tal desempenho pode ser atribuído à variedade de artigos encontrados nas diversas lojas do segmento, dentre as quais se destacam as que comercializam CD's, artigos esportivos, jóias, material ótico e fotográfico, e também as Lojas de departamento.

Tecidos, vestuário e calçados, que comercializam produtos cuja característica não é de extrema necessidade (alimentos, por exemplo), e tem poder de sedução inferior aos supérfluos para o consumidor, apresentou um aumento de 16,1% em volume e 21,5% na receita na comparação com 2006, desempenho associado às promoções para redução de estoques e à valorização do real frente ao dólar, que favoreceu a venda de importados.

Tabela 14 - Taxa de crescimento anual da receita nominal de vendas do comércio varejista e comércio varejista ampliado segundo grupos de atividades, no município do Rio de Janeiro - 2001-2007

Atividades	Ano						
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Comércio varejista	4.1	9.5	12.6	13.1	7.9	6.5	9.3
Combustíveis e lubrificantes	4.9	3.4	12.0	0.0	-2.1	-3.6	-0.8
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	2.7	6.6	12.0	8.9	3.4	4.7	5.1
Hipermercados e supermercados	2.5	7.4	12.8	9.0	2.2	4.6	4.8
Tecidos, vestuário e calçados	8.9	7.0	-1.8	13.2	14.1	1.4	21.5
Móveis e eletrodomésticos	-3.0	6.3	11.3	27.4	15.2	0.6	12.3
Artigos farmacêuticos, médicos, ortop., de perfumaria e cosméticos (1)	5.8	2.3	2.9
Equipamento e material de escritório, informática e comunicação (1)	65.1	34.6	34.4
Livros, jornais, revistas e papel (1)	3.1	20.7	1.4
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	9.0	17.7	19.1	28.4	19.0	31.4	18.7
Comércio varejista ampliado	10.8	5.5	11.5
Veículos, motos, partes e peças	7.4	-7.9	-0.3	29.3	20.3	4.9	20.4
Material de construção (1)	4.7	-11.4	3.1

Fonte: IBGE, Pesquisa Mensal de Comércio-PMC.

(1) As variações desta atividade não cobrem todo o período das demais, por terem começado a ser levantadas em 2004.

Sinais convencionais utilizados:

... Dados numéricos não disponíveis

Equipamento para material de escritório e informática, puxado pela venda de microcomputadores e celulares, apresentou a maior expansão do volume de vendas e da receita dentre todas as atividades pesquisadas (53,5% e 34,4%, respectivamente). A valorização da taxa de câmbio, que contribuiu para a redução do preço das matérias-primas e produtos importados do ramo, foi determinante para a queda dos preços dos produtos, assim como as crescentes facilidades de crédito e aumento da renda alavancaram seus resultados.

Combustíveis e lubrificantes, que havia sofrido expressiva queda nos dois anos anteriores em razão da mudança da estrutura de consumo já mencionada, apresentou comportamento diametralmente oposto em vendas e receita: expansão de 0,9% na primeira e queda na mesma proporção na segunda (-0,9%), o que demonstra um início de recuperação, ainda que errático. Por fim, Veículos, motos, partes e peças, mesmo com a concorrência entre as revendedoras intensificando as campanhas promocionais, aproveitou o cenário econômico mais propício, as reduções nas taxas de juros reais, a ampliação nos prazos de financiamento no crediário (cerca sete anos em fins de 2007) e a oferta crescente de modelos “flex” (cerca de nove em cada dez veículos comercializados no mercado interno) para elevar os negócios do ramo, que levaram a um crescimento de 16,2% no volume de vendas e 20,4% em receita. Considerando-se que o consumidor está mais confiante com o desempenho da economia brasileira, e tendo em vista que parte significativa das vendas é a prazo, houve motivação em assumir o parcelamento desses bens.

3.2 Fatores que vêm influenciando o desempenho do comércio varejista carioca desde 2007

O crescimento do comércio varejista na cidade do Rio de Janeiro em 2007 e 2008, a exemplo dos demais recortes geográficos considerados anteriormente, tem entre seus fatores explicativos recorrentemente citados nas análises a expansão do volume de crédito com ampliação dos prazos, maiores confiança dos empresários e consumidores em relação à economia e concorrência dos importados, em razão do câmbio apreciado.

Complementarmente, como ao longo de 2007 as variações anuais dos preços na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ)³⁴ se reduziam sistematicamente (Figura 4a), e as negociações salariais recompunham as perdas anteriores, os orçamentos domésticos se tornaram menos rígidos e os consumidores passaram a ter maior poder de compra, o que estimulou as vendas. Por outro lado, como os juros reais³⁵ eram cadentes (Figura 7a), e observou-se uma combinação auspiciosa de crescimento conjunto da ocupação e dos rendimentos reais³⁶, sem paralelo nos dois anos anteriores (Figura 7b), houve um expressivo aumento do faturamento (Figura 5) e

³⁴ Com base no IPCA-RJ/IBGE.

³⁵ Calculado pela dedução da inflação esperada nos próximos doze meses (Boletim FOCUS do Banco Central) da taxa Selic nominal vigente em cada um dos meses respectivos.

³⁶ Com base em dados da Pesquisa Mensal de Emprego-PME do IBGE, para o município do Rio de Janeiro.

um acréscimo mais comedido do volume de vendas, que já crescia a taxas mais elevadas quando da retomada no começo de 2006 (Figura 4).

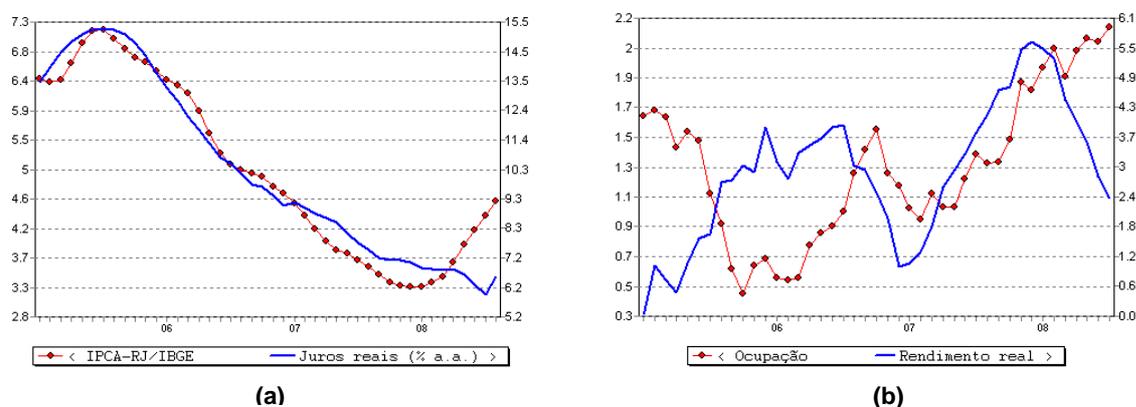


Figura 7 – Variações anuais da inflação (IPCA-RJ/IBGE) e dos juros reais *ex-ante* (a), e da ocupação e do rendimento médio real no município do Rio de Janeiro (b)

A partir do começo de 2008, quando o crescimento anual da inflação voltou aos níveis de janeiro de 2007 em apenas oito meses (Figura 4a), as taxas de crescimento do rendimento real declinaram, enquanto a ocupação seguiu em elevação (Figura 4b). Tendo em vista que o comportamento da massa de rendimentos³⁷ ao longo dos últimos anos foi muito influenciado pelo rendimento real, a queda no ritmo de crescimento do rendimento tem levado à redução da massa, que não caiu na mesma proporção a partir de abril devido à ocupação (Figura 8). Esta sustentação faz supor que as taxas de crescimento anual da receita e do volume de vendas do comércio observadas nestes sete primeiros meses permaneceram em elevação, e assim se manterão até fins de 2008, enquanto os efeitos da elevação dos juros iniciada pelo Banco Central em meados de abril não inibirem a demanda por trabalho pelas empresas.

³⁷ Resultado da multiplicação do número de pessoas ocupadas pelo rendimento médio por elas auferido.

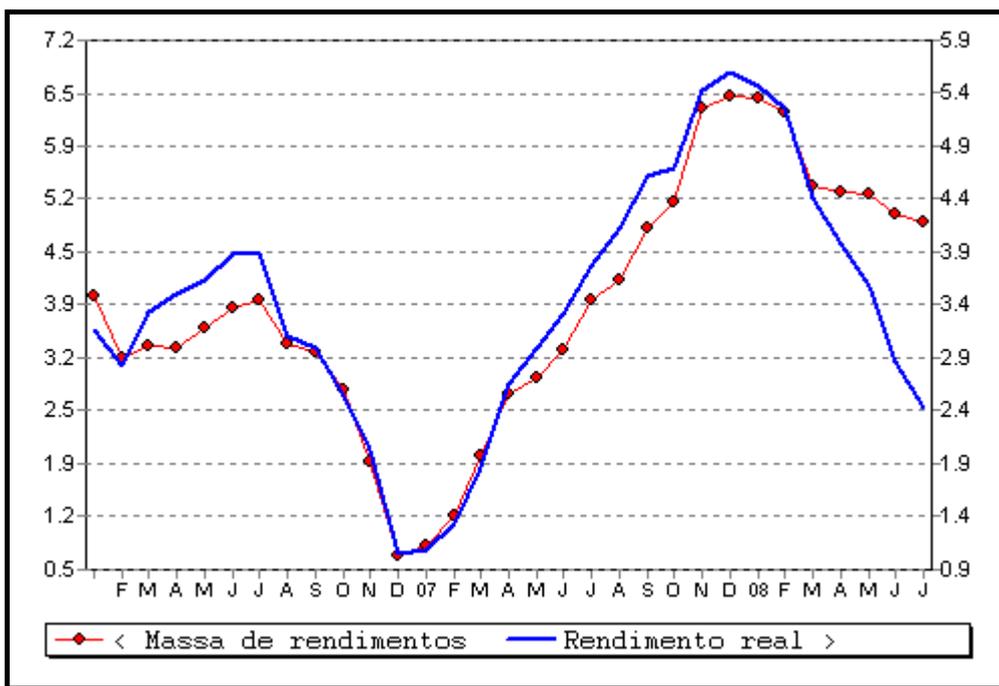


Figura 8 – Variações anuais da massa de rendimentos reais e do rendimento médio real habitual dos residentes no município do Rio de Janeiro

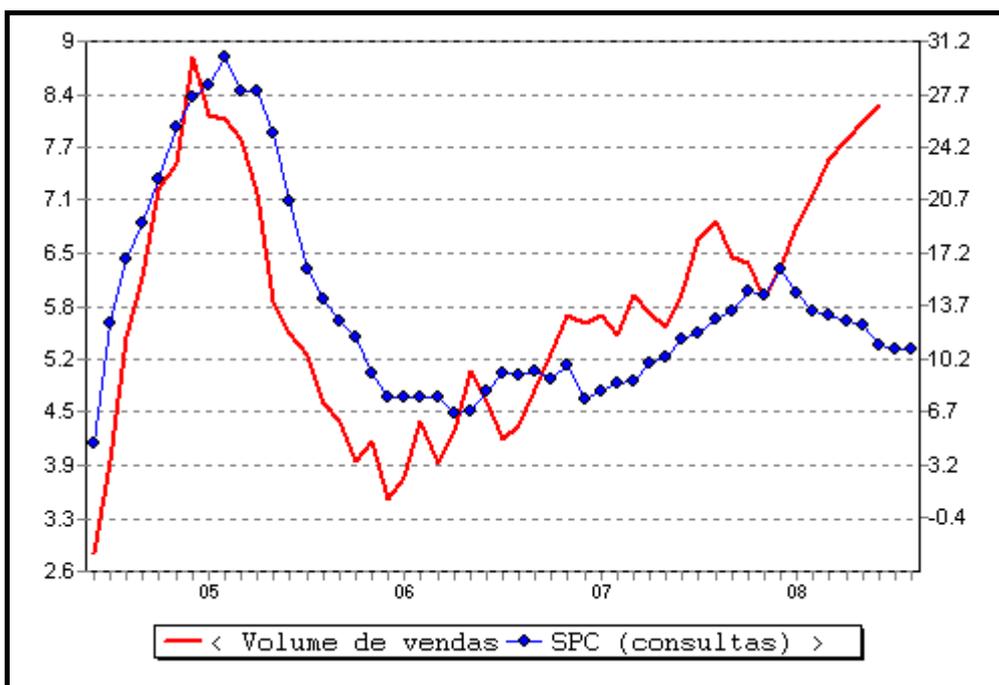


Figura 9 – Variações anuais do volume de vendas e do número de consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) no município do Rio de Janeiro

Um outro aspecto relevante refere-se à contribuição que o crédito tem dado para os resultados do comércio, como tem sido noticiado pelo IBGE quando da divulgação dos resultados da PMC, e reportado pelos analistas privados da leitura dos números. Como já comentado anteriormente, as estatísticas de volume de crédito concedido pelo Banco Central não são regionalizadas, o que inviabiliza seu uso para aferir diretamente

os impactos que causa sobre o volume de vendas carioca. Entretanto, uma aproximação (*proxy*) pode ser obtida por intermédio do número de consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) divulgado pelo Clube de Diretores Lojistas (CDL) do estado do Rio de Janeiro, por ser um indicador das vendas a prazo. Com base em sua evolução pode-se observar uma boa aderência ao comportamento do volume de vendas até fins de 2007, e a partir de então um descolamento do ritmo (Figura 6). A princípio poder-se-ia supor que o maior número de inclusões de devedores no SPC e aumento da taxa líquida de inadimplência (Figura 10) fosse o motivo, mas este mesmo movimento ocorreu em 2007 e as compras a prazo seguiram em elevação. Este comportamento de relativa estabilização das consultas ao SPC a partir do começo de 2008, portanto, tem outra motivação, e pode ser devido à chegada do limite do comprometimento dos orçamentos familiares com prestações fixas, que levou a uma maior preferência pelas transações em cheque, como fica demonstrado pela reversão do crescimento anual do número de consultas ao Ligcheque, indicador parcial de vendas à vista³⁸ levantado pelo CDL, ao mesmo tempo em que os negócios a prazo se reduziam (Figura 11). Assim, desde o início do ano as vendas vêm sendo suportadas por transações que não impliquem o uso do crédito com a mesma intensidade observada em 2007. Por outro lado, como a ocupação impede maior declínio do crescimento da massa de rendimentos reais³⁹, a manutenção das expectativas empresariais quanto à atividade econômica futura será determinante para a continuidade das contratações e do desempenho dos negócios comerciais até fins de 2008.

³⁸ Com a maior frequência de transações por transferência eletrônica de fundos-TEF com cartões de débito, o cheque vem sendo a cada dia menos utilizado.

³⁹ A fonte das informações é a PME, cuja divulgação se dá aproximadamente dez dias depois da PMC, mas tem defasagem de apenas um mês, enquanto a PMC dá os resultados de dois meses antes.

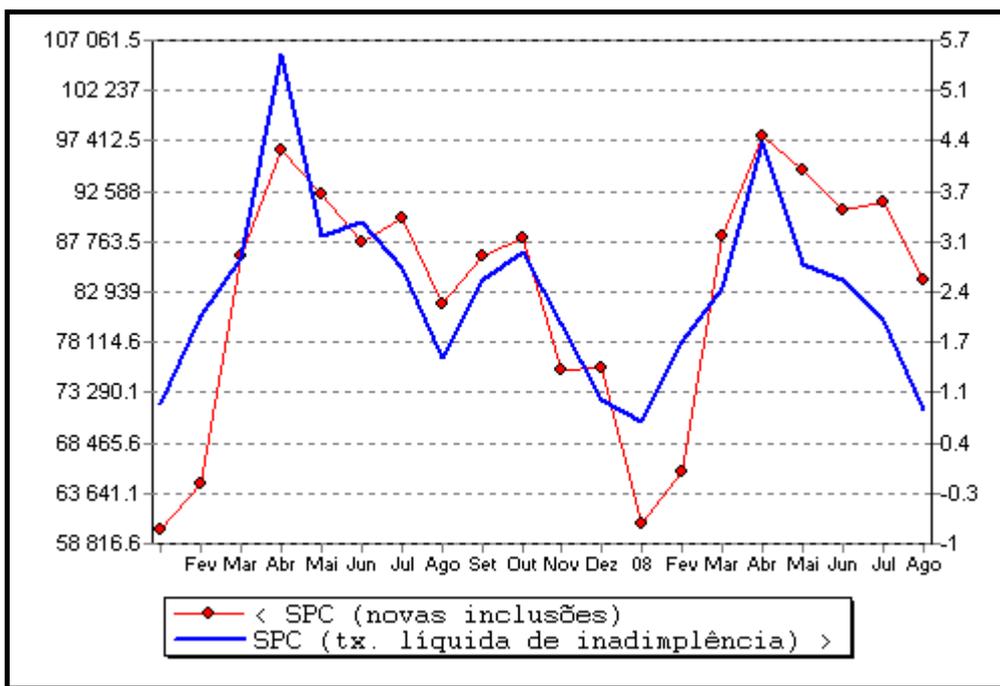


Figura 10 –Número de novas inclusões no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e taxa líquida de inadimplência no município do Rio de Janeiro

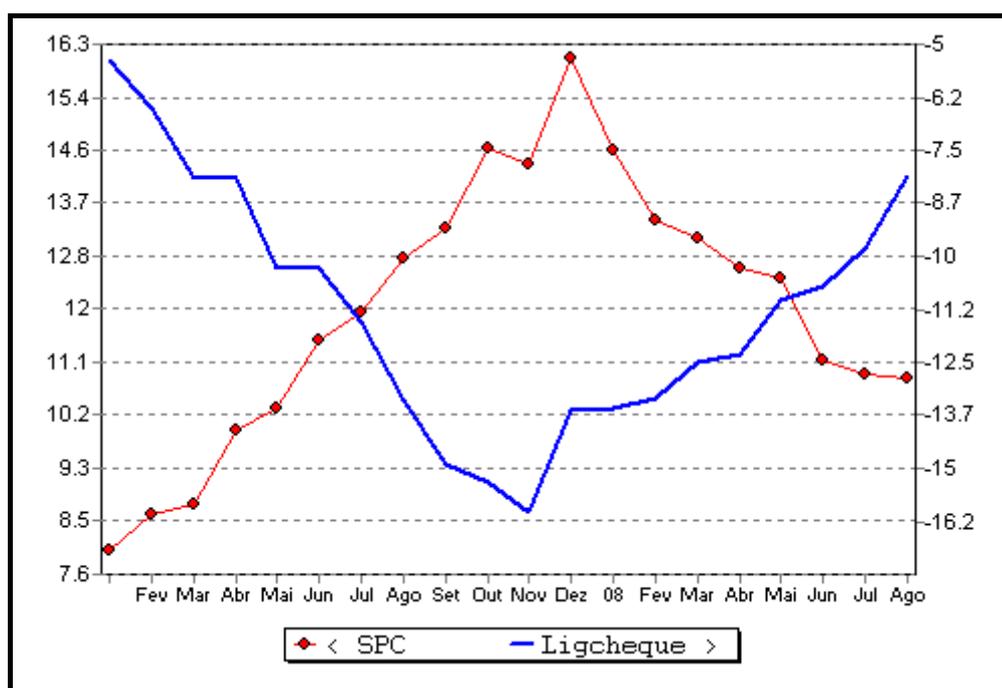


Figura 11 –Número de consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e ao Ligcheque no município do Rio de Janeiro

3.3 Resultados de julho de 2008

As informações divulgadas pelo IBGE relativas à evolução do comércio varejista nacional em julho de 2008 indicaram uma acomodação das vendas e da receita em

relação ao mês anterior (-0,2% e 0,5%, respectivamente), com resultados aproximadamente estáveis (Tabela 15). O mesmo se pode dizer quanto ao comércio carioca, sendo que ambas as taxas de crescimento em relação ao mês anterior foram positivas (0,2% para o volume e 0,3% para a receita). Já as demais taxas (mensal⁴⁰, acumulado⁴¹ e 12 meses⁴²) confirmam o que neste relatório já se observara com os dados da PAC: que a cidade do Rio apresenta crescimento superior ao do estado do Rio, dada a maior concentração de negócios e renda em seu território. Comparativamente aos resultados nacionais, a ligeira diferença deve-se ao fato que o principal centro consumidor do país (São Paulo) se apresenta mais dinâmico que o carioca.

Tabela 15 - Taxas de variação do volume e da receita nominal de vendas do comércio varejista do Brasil, do estado do Rio de Janeiro e município do Rio de Janeiro - JUL 08

Indicadores	Taxas de variação (%)			
	$\frac{\text{Julho 08}}{\text{Junho 08 (1)}}$	$\frac{\text{Julho 08}}{\text{Julho 07}}$	$\frac{\text{Jan-Jul 08}}{\text{Jan-Jul 07}}$	12 meses
Volume de vendas				
Brasil	-0.2	11.0	10.6	10.2
Estado do RJ	...	9.9	9.0	7.6
Município do RJ	0.2	10.1	10.2	8.5
Receita nominal de vendas				
Brasil	0.5	18.5	16.3	15.0
Estado do RJ	...	16.9	14.6	12.6
Município do RJ	0.3	17.0	15.7	13.4

Fonte: IBGE, Pesquisa Mensal de Comércio-PMC.

(1) Série com ajuste sazonal

Sinais convencionais utilizados:

... Dados numéricos não disponíveis

As taxas de crescimento ajustadas aos efeitos sazonais, as mensais e as acumuladas, entretanto, mostram situações divergentes nos últimos três meses em que a PMC foi apurada (Tabela 16). Com base nos resultados após o ajuste sazonal (mês contra mês anterior), o crescimento do comércio varejista carioca em julho de 2008 (+0,2%) foi bem inferior ao de maio (+2,1%), mas as taxas mensais apresentam-se crescentes e vigorosas desde então, se assemelhando ao comportamento acumulado nos sete meses de 2008 da PMC (10,2%). Já para o ano móvel, apesar da evolução do comércio varejista nos 12 meses findos em julho (8,5%) ser inferior à taxa acumulada,

⁴⁰ Julho 08/Julho 07.

⁴¹ Jan-Jul 08/Jan-Jul 07.

⁴² Últimos doze meses findos em Julho de 2008, sobre os doze meses anteriores; ano móvel.

cada mês tem sido superior ao anterior desde dezembro de 2007. Este tipo de comportamento das taxas de crescimento das vendas não difere do da receita nominal (Tabela 17), mas as fontes de variação são coincidentes ou não, dependendo da categoria de uso⁴³ à qual estejam ligadas as atividades.

Como já comentado, as influências do crédito e das facilidades de financiamento (ampliação dos prazos) têm sido determinantes no comportamento do varejo, com maior ou menor influência de acordo com o tipo de produto comercializado. Na divulgação pelo IBGE dos resultados da PMC de julho esta variável foi considerada importante para os resultados apresentados por Móveis e eletrodomésticos (BD), Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria (BND), Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (BD), Veículos, motos, partes e peças (AUTO) e Material de construção (MC). Excetuando-se Artigos farmacêuticos, etc., as demais atividades têm como característica bens cujo valor unitário é mais elevado (Veículos, motos, etc.), expressem o desejo de expansão do negócio e/ou refiram-se a melhorias de qualidade de vida (Equipamentos e materiais para escritório, etc., Móveis e eletrodomésticos e Material de construção). De acordo com as categorias às quais estas atividades estão ligadas, o crédito favoreceria duráveis (BD), automotivos (AUTO) e material de construção (MC), e para estas categorias os resultados anuais (12 meses) do volume de vendas de cada uma das atividades ficou acima da média do comércio varejista.

⁴³ A divulgação da PMC pelo IBGE não indica os agrupamentos por categoria de uso, dado que este tipo de agregação deva ser feito por produto, e as atividades teriam produtos de categorias diferentes. O exemplo que consideramos mais característico desta dificuldade é Outros artigos de uso pessoal e doméstico, composta por segmentos como lojas de departamentos, ótica, joalheria, artigos esportivos, brinquedos, etc., cuja diversidade de produtos é imensa, poderia estar em pelo menos duas categorias (duráveis e semiduráveis), mas como é citada numa das fontes a seguir referenciadas como componente de uma das categorias apenas, seremos fiéis à proposta. Assim, como artifício analítico, e para uma melhor compreensão das fontes de variação dos resultados, tencionamos, aqui, aproximar as atividades pesquisadas na PMC da agregação que costuma ser feita pelas FECOMÉRCIO estaduais e Confederação Nacional do Comércio, bem como de apropriação a sentimento para algumas atividades não citadas naquelas instituições. As categorias seriam: 1) Bens duráveis (BD), composta por Móveis e eletrodomésticos, Outros artigos de uso pessoal e doméstico e Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (a sentimento); 2) Bens semiduráveis (BSD), composta por Tecidos, vestuário e calçados e Livros, jornais, revistas e papel; 3) Bens não-duráveis (BND), composta por Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos; 4) Comércio automotivo (AUTO), composta por Veículos, motos, partes e peças; 5) Combustíveis e lubrificantes (COMB), e por fim; 6) Material de construção (MC).

Tabela 16 - Taxas de variação do volume de vendas do comércio varejista e comércio varejista ampliado segundo grupos de atividades no município do Rio de Janeiro - MAI 08-JUL 08

Atividades	Mês/Mês anterior (1) (%)			Mensal (%)			Acumulado (2) (%)	
	Mai/08	Jun/08	Jul/08	Mai/08	Jun/08	Jul/08	No ano	12 meses
Comércio varejista	2.1	-0.6	0.2	8.8	9.0	10.1	10.2	8.5
Combustíveis e lubrificantes	1.5	1.3	6.4	11.1	11.4	17.2	5.7	3.6
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	5.9	-3.6	1.3	8.2	3.2	6.5	5.8	2.4
Hipermercados e supermercados	6.3	-3.4	0.2	7.8	2.9	5.9	5.5	2.0
Tecidos, vestuário e calçados	-5.4	8.9	-6.5	6.2	19.8	7.6	16.3	17.7
Móveis e eletrodomésticos	-6.4	0.8	0.5	3.2	5.0	4.8	8.6	10.9
Artigos farmacêuticos, médicos, ortop., de perfumaria e cosméticos	10.7	10.0	12.3	11.5	10.8
Equipamento e material de escritório, informática e comunicação	52.8	47.3	39.0	68.0	71.4
Livros, jornais, revistas e papel	3.9	0.3	2.3	2.6	4.1
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	17.6	0.8	3.5	17.8	26.9	29.0	23.4	19.3
Comércio varejista ampliado	9.6	13.7	14.4	12.8	10.9
Veículos, motos, partes e peças	-14.5	15.5	1.4	11.5	29.4	27.4	21.4	19.8
Material de construção	16.6	17.4	24.0	16.0	11.2

Fonte: IBGE, Pesquisa Mensal de Comércio-PMC.

(1) Série com ajuste sazonal

(2) Referência = Julho/08

Sinais convencionais utilizados:

... Dados numéricos não disponíveis

Quanto à outra fonte de variação do comércio, a massa de rendimentos, fruto da ocupação e da renda, o IBGE citou especificamente Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (BND), Combustíveis e lubrificantes (COMB) e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (BD). Nestes casos, os efeitos negativos da inflação sobre a renda, e os positivos derivados do dinamismo da ocupação, levam a que os resultados das atividades sejam erráticos, sem uma característica definida para o comportamento conjunto. Este fato decorre de a renda influenciar indistintamente a todas as atividades e categorias, não sendo possível abstrair do desempenho de cada uma sua contribuição específica. Cabe ressaltar que o fenômeno relevante que explique o comportamento das atividades a partir desta forma de agrupamento não é excludente, tendo em vista que em momentos específicos dos ciclos econômicos os consumidores podem utilizar o crédito ou a renda, ou ambos, para compor sua cesta de consumo.

Tabela 17 - Taxas de variação da receita nominal de vendas do comércio varejista e comércio varejista ampliado segundo grupos de atividades no município do Rio de Janeiro - MAI 08-JUL 08

Atividades	Mês/Mês anterior (1) (%)			Mensal (%)			Acumulado (2) (%)	
	Mai/08	Jun/08	Jul/08	Mai/08	Jun/08	Jul/08	No ano	12 meses
Comércio varejista	3.2	0.9	0.3	15.3	16.3	17.0	15.7	13.4
Combustíveis e lubrificantes	2.2	1.4	8.8	10.2	10.6	18.4	6.0	3.3
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	8.2	-2.9	1.9	21.2	15.7	18.5	16.2	11.8
Hipermercados e supermercados	8.6	-2.9	1.6	20.6	15.3	17.8	15.7	11.3
Tecidos, vestuário e calçados	-5.1	9.3	-5.4	10.8	25.3	13.3	21.2	22.3
Móveis e eletrodomésticos	-9.3	2.4	-0.3	-1.7	0.9	-0.3	4.1	6.8
Artigos farmacêuticos, médicos, ortop., de perfumaria e cosméticos	11.3	11.9	15.6	11.2	9.6
Equipamento e material de escritório, informática e comunicação	36.0	31.0	25.9	52.2	54.1
Livros, jornais, revistas e papel	5.6	2.2	3.9	3.5	4.5
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	20.4	1.1	4.3	25.0	34.0	37.1	29.1	23.5
Comércio varejista ampliado	15.2	20.1	20.6	17.6	15.4
Veículos, motos, partes e peças	-14.2	14.8	2.7	13.7	31.8	29.8	23.1	22.0
Material de construção	24.2	26.9	35.2	23.5	17.5

Fonte: IBGE, Pesquisa Mensal de Comércio-PMC.

(1) Série com ajuste sazonal

(2) Referência = Julho/08

Sinais convencionais utilizados:

... Dados numéricos não disponíveis

Uma outra forma de observar qual fenômeno tem influenciado mais os resultados do comércio – se o crédito ou a renda –, refere-se à composição da taxa de crescimento mensal. Tomando por base o comércio varejista ampliado para cada uma das variáveis levantadas pela PMC (volume e receita de vendas), observa-se que as atividades que mais contribuíram para a formação da taxa global em julho de 2008 foram Veículos, motos, partes e peças (AUTO), Outros artigos de uso pessoal e doméstico (BD) e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (BND), que juntas foram responsáveis por 11,2% dos 14,4% de crescimento do volume de vendas, e 16,9% dos 20,6% da elevação da receita de vendas (Tabela 18). Considerando-se que dentre as atividades mencionadas Veículos, motos, partes e peças (AUTO) é a que tem em suas vendas maior influência do crédito, e que esta representou, para cada uma das variáveis pesquisadas – volume e receita –, 43,1% e 34,0% do resultado global respectivamente, podemos ponderar que o dinamismo dos empréstimos bancários ainda seja, a exemplo do que se observou no nível nacional, a principal fonte dos resultados comerciais.

Tabela 18 - Contribuição das atividades na formação da taxa global (1) do volume e da receita nominal de vendas do comércio varejista ampliado do município do Rio de Janeiro - JUL 08

Atividades	Volume de vendas		Receita de vendas	
	Taxa (%)	Composição da taxa (%)	Taxa (%)	Composição da taxa (%)
Comércio varejista ampliado	14.4	14.4	20.6	20.6
Combustíveis e lubrificantes	17.2	0.4	18.4	0.5
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	6.5	2.3	18.5	6.1
Tecidos, vestuário e calçados	7.6	0.5	13.1	1.0
Móveis e eletrodomésticos	4.8	0.6	-0.3	0.0
Artigos farmacêuticos, médicos, ortop., de perfumaria e cosméticos	12.3	0.8	15.6	1.0
Equipamento e material de escritório, informática e comunicação	39.0	0.2	25.9	0.1
Livros, jornais, revistas e papel	2.3	0.0	3.9	0.0
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	29.0	2.7	37.1	3.8
Veículos, motos, partes e peças	27.4	6.2	29.8	7.0
Material de construção	24.0	0.7	35.2	1.1

Fonte: IBGE, Pesquisa Mensal de Comércio-PMC.

(1) Taxa mensal (base: igual mês do ano anterior)

A dependência do crédito foi, ao longo do segundo semestre de 2008, a principal fonte de divergência entre os analistas privados e o Banco Central (BCB), quanto à restrição monetária por este iniciada com a elevação dos juros. Para alguns, o BCB deveria fazer uso de instrumentos que regulassem a contratação de empréstimos, dificultando, pois, o crédito, e não elevado os juros, cujo efeito multiplicador, além de forçar a queda dos índices de inflação, deprime a demanda a tal ponto que leva à redução dos investimentos. Na medida, entretanto, que o BCB tenciona atuar sobre a meta inflacionária do ano vindouro, e os efeitos defasados da contração monetária serão sentidos com maior magnitude no primeiro semestre de 2009, não afetariam os negócios comerciais em fins de 2008, que já “estariam contratados”. Segundo esta leitura, a combinação de ocupação e renda elevados, e volume de crédito concedido que se mantém crescente, será suficiente para fazer do próximo Natal o melhor dos últimos tempos. O refreamento deste quadro benigno para as vendas, no entanto, pode ir além do que já é esperado por conta da política monetária contracionista, dada a crise de crédito estabelecida em setembro com o estouro da bolha imobiliária americana.

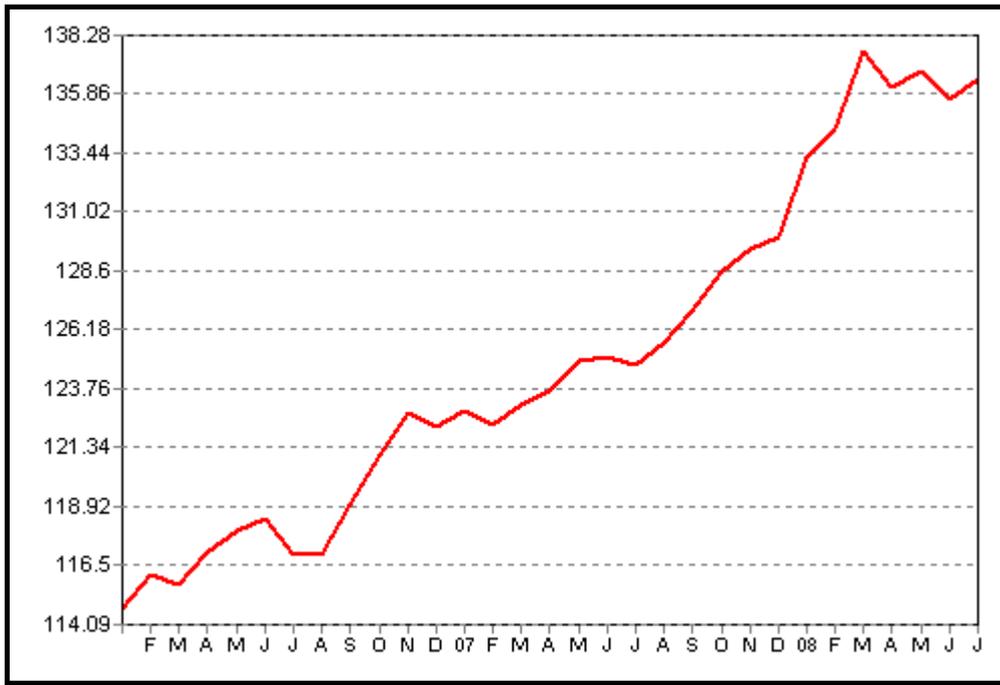


Figura 12 – Média móvel trimestral do volume de vendas no município do Rio de Janeiro

A partir das evidências recentes da evolução do *quantum* de vendas, o horizonte imediato para os negócios comerciais cariocas pode ser tornar mais nebuloso. Tomando-se como referência o comportamento da média móvel de três meses da série dessazonalizada das vendas físicas, considerada um indicador da tendência de curto prazo, já se havia estabelecido um certo arrefecimento dos negócios no segundo trimestre (Figura 12). A tendência de maior restrição do crédito originada na escassez de recursos e conseqüente seletividade dos bancos para empréstimos, pode agravar as condições de financiamento das vendas de fim de ano para bens de valor unitário mais elevado, levando a que, na margem, as operações mais dependentes da renda sejam a principal fonte do faturamento dos estabelecimentos comerciais. Redes de varejo que costumam financiar suas vendas com recursos próprios, dependendo do grau de capitalização de cada uma, podem minimizar os efeitos negativos sobre as vendas a prazo, mas ainda é cedo para avaliar.

Quadro 1



Dado o cenário de agravamento das condições para a concessão de crédito, os resultados das vendas do final do ano estariam mais dependentes da renda gerada em função das contratações por parte das empresas, e assim, o mercado de trabalho será determinante para o comércio. Como as informações oriundas da Pesquisa Mensal de Emprego da cidade do Rio⁴⁴ apontam que a ocupação com carteira tem crescido mais que as demais formas de inserção, optamos por avaliar o efeito sobre as vendas do comportamento do emprego formal com base nos dados do Cadastro Geral de Admitidos e Desligados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego. Como se pode observar no Quadro 1, as séries do volume de vendas e do emprego formal ajustadas aos efeitos sazonais para o período em que ambas oferecem informações, apresentam elevada correlação mútua no alcance de um ano ($K = 12$), e a modelagem de sua relação deve levar este aspecto em consideração⁴⁵. Entretanto, a partir dos resultados

⁴⁴ Os resultados estão disponíveis no Armazém de Dados, e podem ser obtidos na opção “Estatísticas Municipais” em <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>.

⁴⁵ Dada a natureza dos fenômenos citados, o modelo de previsão mais adequado para as vendas do comércio carioca deve contemplar efeitos defasados mútuos, como faz o BCB para nortear as decisões no regime de metas de inflação, utilizando modelos de vetores auto-regressivos (VAR) e sua versão bayesiana (BVAR). Ferramentas estatísticas que permitam um trabalho desta natureza, entretanto, ainda não estão disponíveis no Instituto Pereira Passos.

dos coeficientes de correlação expostos nas colunas “lag” e “lead”⁴⁶, se pode perceber que os adiantamentos da série do nível de emprego formal têm valores elevados e crescentes à medida que se tornam mais distantes as defasagens em tempo entre ambas, o que não acontece para o volume de vendas, e pode sugerir que o emprego tenha maior relevância na explicação das vendas, do que o contrário.

Quadro 2

Teste Granger Causalidade		
Intervalo: de Jan/2000 a Jul/2008		
Número de observações : 103		
Número de defasagens: 10		
Variável Y: Volume de vendas dessazonalizado		
Variável X: Nível de emprego formal dessazonalizado		
Hipótese Nula	Estatística F	Prob(F)
X não Granger-causa Y	30.5754	0
Y não Granger-causa X	0.5324	0.8625

Como correlação não implica causalidade entre os fenômenos, no Quadro 2 estão dispostas as estatísticas do teste de Granger. De acordo com os resultados obtidos, a hipótese de que o nível de emprego formal cause as vendas não pode ser rejeitada, mas o inverso, sim⁴⁷. Portanto, há evidência de que os resultados do comércio carioca no curto prazo dependam da evolução do emprego formal, o que corrobora a idéia de que o mercado de trabalho formal exercerá grande influência no comportamento dos negócios na cidade do Rio de Janeiro, no desenrolar da crise financeira em vigor. Porém, não só as estatísticas oriundas do mercado de trabalho serão relevantes, mas também todas as demais que possam auxiliar a gestão econômica municipal.

Tencionando minorar os efeitos da crise sobre a economia brasileira, o BCB vem tentando dar liquidez ao sistema financeiro liberando recursos pela redução dos depósitos compulsórios, e esta já é uma indicação das dificuldades que tem percebido para a manutenção do ritmo dos negócios. Nestas condições, as decisões tomadas nas próximas reuniões do Comitê de Política Monetária (COPOM) serão fundamentais para a sinalização do desempenho da economia, e a última, na qual não houve unanimidade quanto à manutenção do percentual de elevação – alguns membros optaram por reduzir o ritmo –, já expôs relutâncias internas no Comitê quanto às expectativas

⁴⁶ Referem-se a defasagens (lag) e adiantamentos (lead) da variável de interesse. No caso, o volume de vendas dessazonalizado.

⁴⁷ Apesar do resultado ter sido gerado para dez defasagens, a leitura é idêntica quando o teste foi feito para as defasagens um a nove. A defasagem ideal para o teste, entretanto, não pôde ser obtida pela ausência de ferramenta estatística que a possibilitasse.

futuras que se delineavam no horizonte, antes da crise. Com seu estabelecimento, a pressão para a escolha do caminho mais adequado se exagera. Com isso, o acompanhamento dos indicadores de atividade econômica e sua inserção nos modelos de previsão do BCB, terá maior utilidade do que a usual para os membros do COPOM avaliarem o cenário mais adequado, e nortear as decisões a serem tomadas.

ANEXO

Tabela A1 - Número de empresas e estabelecimentos do comércio de veículos, peças e motocicletas no Brasil e município do Rio de Janeiro (MRJ) - 2005

Atividade	Número de empresas		Número de estabelecimentos	
	Brasil	MRJ	Brasil	MRJ
Total	4 043	143	...	256
Veículos automotores	1 809	80	...	152
Peças para veículos	1 806	54	...	92
Motocicletas, peças e acessórios	428	9	...	12

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Sinais convencionais utilizados:

... Dados numéricos não disponíveis

Tabela A2 - Pessoal ocupado e salários, retiradas e outras remunerações do comércio de veículos, peças e motocicletas no Brasil e município do Rio de Janeiro (MRJ) - 2005

Atividade	Pessoal ocupado (pessoas)		Salários, retiradas e outras remunerações (R\$ 1 000)	
	Brasil	MRJ	Brasil	MRJ
Total	246 652	11 674	3 517 850	185 775
Veículos automotores	139 875	9 052	2 212 509	156 273
Peças para veículos	84 734	2 208	1 060 956	25 223
Motocicletas, peças e acessórios	22 043	414	244 385	4 279

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Tabela A3 - Receita líquida de revenda, margem de comercialização e compras de mercadorias para revenda do comércio de veículos, peças e motocicletas, em milhões de reais, no Brasil e município do Rio de Janeiro (MRJ) - 2005

Atividades	Receita líquida de revenda (1 000 000 R\$)		Margem de comercialização (1 000 000 R\$)		Compras de mercadorias para revenda (1 000 000 R\$)	
	Brasil	MRJ	Brasil	MRJ	Brasil	MRJ
Total	95 937	7 013	12 859	958	84 655	6 194
Veículos automotores	73 923	6 476	7 956	825	67 262	5 771
Peças para veículos	16 298	439	3 839	115	12 680	345
Motocicletas, peças e acessórios	5 716	98	1 064	19	4 713	79

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Tabela A4 - Participação percentual do número de empresas, número de estabelecimentos, pessoal ocupado, salários, retiradas e outras remunerações, receita líquida e revenda, margem de comercialização e compras de mercadorias para revenda do comércio de veículos, peças e motocicletas do município do Rio de Janeiro no Brasil - 2005

Atividade	Número de empresas	Número de estabelecimentos	Pessoal ocupado	Salários, retiradas e outras remunerações	Receita líquida de revenda	Margem de comercialização	Compras de mercadorias para revenda
Total	3.5	...	4.7	5.3	7.3	7.5	7.3
Veículos automotores	4.4	...	6.5	7.1	8.8	10.4	8.6
Peças para veículos	3.0	...	2.6	2.4	2.7	3.0	2.7
Motocicletas, peças e acessórios	2.1	...	1.9	1.8	1.7	1.8	1.7

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Sinais convencionais utilizados:

... Dados numéricos não disponíveis

Tabela A5 - Número de empresas e de estabelecimentos do comércio atacadista no Brasil e município do Rio de Janeiro (MRJ) - 2005

Atividade	Número de empresas		Número de estabelecimentos	
	Brasil	MRJ	Brasil	MRJ
Total	9 274	426	...	1 078
Produtos agropecuários in natura e produtos alimentícios para animais	303	3	...	3
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	2 632	108	...	143
Artigos de uso pessoal e doméstico	1 836	137	...	188
Comércio de produtos intermediários, resíduos e sucatas	2 274	97	...	629
Comércio de máquinas, aparelhos e equipamentos de uso agropecuário, comercial e industrial	1 239	54	...	82
Comércio de mercadorias em geral	990	27	...	33

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Sinais convencionais utilizados:

... Dados numéricos não disponíveis

Tabela A6 - Pessoal ocupado e salários, retiradas e outras remunerações em mil reais, do comércio atacadista do Brasil e município do Rio de Janeiro (MRJ) - 2005

Atividade	Pessoal ocupado (pessoas)		Salários, retiradas e outras remunerações (1 000 R\$)	
	Brasil	MRJ	Brasil	MRJ
Total	632 752	34 867	9 996 670	1 298 027
Produtos agropecuários in natura e produtos alimentícios para animais	45 853	71	468 885	1 125
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	157 078	6 082	1 638 637	56 977
Artigos de uso pessoal e doméstico	122 441	10 479	2 116 203	200 014
sucatas	126 078	14 130	2 627 940	910 208
Comércio de máquinas, aparelhos e equipamentos de uso agropecuário, comercial e industrial	66 315	3 060	1 750 232	108 719
Comércio de mercadorias em geral	114 987	1 045	1 394 773	20 984

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Tabela A7 - Receita líquida de revenda, margem de comercialização e compras de mercadorias para revenda do comércio atacadista, em milhões de reais, no Brasil e município do Rio de Janeiro (MRJ) - 2005

Atividades	Receita líquida de revenda (1 000 000 R\$)		Margem de comercialização (1 000 000 R\$)		Compras de mercadorias para revenda (1 000 000 R\$)	
	Brasil	MRJ	Brasil	MRJ	Brasil	MRJ
Total	345 318	98 381	51 556	8 651	296 623	90 104
Produtos agropecuários in natura e produtos alimentícios para animais	21 189	58	2 365	7	18 455	46
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	41 873	2 093	7 133	258	35 982	1 883
Artigos de uso pessoal e doméstico	47 002	3 970	13 459	1 380	34 379	2 712
Comércio de produtos intermediários, resíduos e sucatas	162 428	90 644	16 248	6 715	146 876	84 131
Comércio de máquinas, aparelhos e equipamentos de uso agropecuário, comercial e industrial	25 561	803	5 942	208	19 830	603
Comércio de mercadorias em geral	47 265	812	6 410	83	41 101	729

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Tabela A8 - Participação percentual do número de empresas, número de estabelecimentos, pessoal ocupado, salários, retiradas e outras remunerações, receita líquida e revenda, margem de comercialização e compras de mercadorias para revenda do comércio atacadista do município do Rio de Janeiro no Brasil - 2005

Atividade	Número de empresas	Número de estabelecimentos	Pessoal ocupado	Salários, retiradas e outras remunerações	Receita líquida de revenda	Margem de comercialização	Compras de mercadorias para revenda
Total	4.6	...	5.5	13.0	28.5	16.8	30.4
Produtos agropecuários in natura e produtos alimentícios para animais	1.0	...	0.2	0.2	0.3	0.3	0.2
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	4.1	...	3.9	3.5	5.0	3.6	5.2
Artigos de uso pessoal e doméstico	7.5	...	8.6	9.5	8.4	10.3	7.9
Comércio de produtos intermediários, resíduos e sucatas	4.3	...	11.2	34.6	55.8	41.3	57.3
Comércio de máquinas, aparelhos e equipamentos de uso agropecuário, comercial e industrial	4.4	...	4.6	6.2	3.1	3.5	3.0
Comércio de mercadorias em geral	2.7	...	0.9	1.5	1.7	1.3	1.8

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Sinais convencionais utilizados:

... Dados numéricos não disponíveis

Tabela A9 - Número de empresas e de estabelecimentos do comércio varejista no Brasil e município do Rio de Janeiro (MRJ) - 2005

Atividade	Número de empresas		Número de estabelecimentos	
	Brasil	MRJ	Brasil	MRJ
Total	22 159	1 317	...	3 864
Comércio não-especializado	5 164	165	...	637
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	1 754	140	...	154
Tecidos, artigos de armarinho, vestuário e calçados	4 066	324	...	849
Comércio de outros produtos em lojas especializadas	8 543	569	...	2 024
Comércio de artigos usados	14	2	...	2
Combustíveis e lubrificantes	2 618	117	...	198

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Sinais convencionais utilizados:

... Dados numéricos não disponíveis

Tabela A10 - Pessoal ocupado e salários, retiradas e outras remunerações em mil reais, do comércio varejista do Brasil e município do Rio de Janeiro (MRJ) - 2005

Atividade	Pessoal ocupado (pessoas)		Salários, retiradas e outras remunerações (1 000 R\$)	
	Brasil	MRJ	Brasil	MRJ
Total	1 659 852	115 665	15 084 635	1 180 271
Comércio não-especializado	712 821	49 252	6 114 333	470 053
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	57 358	4 030	386 702	23 088
Tecidos, artigos de armarinho, vestuário e calçados	260 790	17 094	2 233 708	139 630
Comércio de outros produtos em lojas especializadas	536 561	41 773	5 509 252	508 231
Comércio de artigos usados	386	79	3 785	418
Combustíveis e lubrificantes	91 936	3 437	836 855	38 851

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Tabela A11 - Receita líquida de revenda, margem de comercialização e compras de mercadorias para revenda do comércio varejista, em mil reais, no Brasil e município do Rio de Janeiro (MRJ) - 2005

Atividades	Receita líquida de revenda (1 000 R\$)		Margem de comercialização (1 000 R\$)		Compras de mercadorias para revenda (1 000 R\$)	
	Brasil	MRJ	Brasil	MRJ	Brasil	MRJ
Total	216 304 697	16 907 789	31 873 507	4 437 597	170 922 501	12 823 749
Comércio não-especializado	99 262 895	8 142 888	2 686 296	1 870 023	80 664 951	6 542 777
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	2 487 953	99 946	740 587	42 275	1 780 665	57 846
Tecidos, artigos de armarinho, vestuário e calçados	18 361 809	914 993	7 333 752	416 298	11 715 460	492 777
Comércio de outros produtos em lojas especializadas	64 122 257	6 487 956	17 013 392	1 912 318	48 730 597	4 664 387
Comércio de artigos usados	15 741	1 877	7 706	821	10 674	1 060
Combustíveis e lubrificantes	32 054 042	1 260 129	4 091 774	195 862	28 020 154	1 064 902

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.

Tabela A12 - Participação percentual do número de empresas, número de estabelecimentos, pessoal ocupado, salários, retiradas e outras remunerações, receita líquida e revenda, margem de comercialização e compras de mercadorias para revenda do comércio varejista do município do Rio de Janeiro no Brasil - 2005

Atividade	Número de empresas	Número de estabelecimentos	Pessoal ocupado	Salários, retiradas e outras remunerações	Receita líquida de revenda	Margem de comercialização	Compras de mercadorias para revenda
Total	0.1	0.3	2.2	3.5	4.3	4.6	4.3
Comércio não-especializado	0.1	0.3	3.8	5.6	6.9	7.4	7.0
Produtos alimentícios, bebidas e fumo	0.1	0.1	0.9	1.1	1.0	1.0	0.9
Tecidos, artigos de armarinho, vestuário e calçados	0.1	0.3	1.7	2.5	2.4	2.7	2.1
Comércio de outros produtos em lojas especializadas	0.1	0.4	1.8	3.3	5	4.8	4.9
Comércio de artigos usados	0.1	0.1	1.5	1.7	1.9	1.4	2.3
Combustíveis e lubrificantes	0.4	0.6	1.3	1.7	1.3	1.5	1.3

Fonte: IBGE, Pesquisa Anual de Comércio-PAC.

Nota: Os resultados obtidos referem-se ao estrato certo, isto é, aquele formado pelas empresas comerciais com 20 ou mais pessoas ocupadas.